

N244 Nascimento, Natã Neves do.

Complexo é ter identidade - Juventude em formação no Alemão. A experiência Favelado 2.0 do coletivo GatoMídia / Natã Neves do Nascimento. – 2016.

54 f.

Orientadora: Ana Lucia Enne.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Cultural) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, 2016.

Bibliografia: f. 50-52.

1. Jovem. 2. Favela. 3. Identidade. 4. *Maker*. 5. Representação.  
I. Enne, Ana Lucia. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
COORDENAÇÃO DA GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL - GGR

**ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL**

IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO	
Nome do Candidato: <b>NATÁ NEVES DO NASCIMENTO</b>	Matrícula: 211.33.072
Título do Trabalho: <b>“COMPLEXO É TER IDENTIDADE – JUVENTUDE EM FORMAÇÃO NO ALEMÃO. A experiência Favelado 2.0 do coletivo GatoMídia”</b>	
Orientador: <b>Drª. Ana Lucia Enne</b>	
Categoria: <b>Monográfica</b>	Data da Apresentação: <b>28/07/2016</b>

BANCA EXAMINADORA
1º Membro (Presidente): <b>Drª. Ana Lucia Enne</b>
2º Membro: <b>Drª. Flávia Lages de Castro</b>
3º Membro: <b>Me. Ohana Boy Oliveira</b>

AVALIAÇÃO:		
Análise / Comentário <i>A banca destaca o tema original, a relevância social do objeto analisado e o uso cuidadoso da bibliografia. Ressalta ainda a imersão etnográfica realizada pelo aluno, resultando numa sensível experiência com alteridade. Sugere a continuidade dos estudos em nível de pós-graduação.</i>		
Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora): <i>10 (dez)</i>		
ASSINATURAS		
<i>[Assinatura]</i> 1º Membro (Presidente)	<i>[Assinatura]</i> 2º Membro	<i>[Assinatura]</i> 3º Membro

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

NATÃ NEVES DO NASCIMENTO

**COMPLEXO É TER IDENTIDADE – JUVENTUDE EM FORMAÇÃO NO ALEMÃO**  
**A experiência Favelado 2.0 do coletivo GatoMídia**

Niterói  
2016

NATÃ NEVES DO NASCIMENTO

**COMPLEXO É TER IDENTIDADE – JUVENTUDE EM FORMAÇÃO NO ALEMÃO**  
**A experiência Favelado 2.0 do coletivo GatoMídia**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado ao curso de Bacharelado em  
Produção Cultural, como requisito parcial  
para conclusão do curso.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Lucia Enne

Coorientadora: Ma. Ohana Boy Oliveira

Niterói  
2016

NATÃ NEVES DO NASCIMENTO

**COMPLEXO É TER IDENTIDADE – JUVENTUDE EM FORMAÇÃO NO ALEMÃO**  
**A experiência Favelado 2.0 do coletivo GatoMídia**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado ao curso de Bacharelado em  
Produção Cultural, como requisito parcial  
para conclusão do curso.

Aprovada em julho de 2016.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dra. Ana Lucia Enne  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof. Dra. Flavia Lages de Castro  
Universidade Federal Fluminense

---

Ma. Ohana Boy Oliveira  
Universidade Federal Fluminense

Niterói  
2016

## AGRADECIMENTOS

À minha referência, Sheila, obrigado pelo apoio dado ao que sempre foi um sonho, ao meu Pai Alfredo por sempre me incentivar e se colocar sempre disposto a fazer parte de cada um dos meus sonhos, e a minha irmã Sarah por me fazer enxergar e acreditar que esse dia chegaria me lembrando sempre de seguir em frente. Obrigado, pelo apoio e pelo amor demonstrado em todos esses anos.

Aos amigos que a UFF me deu Júlia Paiva, Gustavo Furtado, Bruna Maiato, Caroline Peixoto e Camille Dias por todos os momentos que vivemos durante esses quase cinco anos, obrigado por cada conversa, conselho, força e incentivo para esse momento tão importante para todos nós.

À tão amada Ohana Boy, não há palavras para descrever minha imensa gratidão por toda força e incentivo que me foi dado durante todos esses meses, pela paciência nos meus piores momentos e por me fazer acreditar que tudo daria certo e que chegaria esse lindo dia de vitória.

À amiga Ana Terra, por todo o socorro que me foi dado inclusive nas horas mais impróprias, e ainda assim sempre sorridente e com muita paciência para me ajudar.

À professora Ana Enne, por confiar e acreditar no potencial desse trabalho.

À professora Flávia Lages, pelas palavras ditas que me estimularam a ir ao encontro do objeto, quando esse trabalho ainda não havia sequer recorte.

À Thamyra Araújo e os “Favelados 2.0”, pela gentileza e atenção que me foi dada nos nossos encontros durante a residência.

Às residentes Isys Maciel e Sabrina Martina, pelas entrevistas concedidas e pelo interesse em fazer parte desse momento importante.

A todos que, de alguma forma, torceram pelo meu sucesso. Meus sinceros agradecimentos.

Por tudo o que tens feito  
Por tudo o que vais fazer  
Por tuas promessas e tudo o que és  
Eu quero te agradecer  
Com todo o meu ser.

*(Dennis Jernigan)*

## **Resumo**

O tema proposto para análise como conclusão do curso de graduação em Produção Cultural é desvendar os conceitos, expressões identitárias e demais assuntos que influenciam os jovens do Complexo do Alemão a se reconhecerem não apenas como jovens com um potencial, mas também como favelados. Este trabalho pretende refletir sobre o quanto estes jovens podem ser inspirados pelo que lhes interessa e por tudo o que os cercam, além de desmistificar o estereótipo do termo favelado. Para tal pesquisa, foi escolhido um objeto atual que compreende o jovem de favela como um jovem que pode fazer a diferença na sua comunidade, através do que ele pode produzir, gerando a partir dessas experiências uma afirmação de quem são e do que podem fazer.

Palavras-chave: jovem, favela, identidade, *maker*, representação

## SUMÁRIO

Introdução .....	8
1. Alemão é Complexo – Favela, Juventude e Representação .....	11
1.1. Favela – Sua origem e história .....	11
1.2. Alemão - O Surgimento desse Complexo .....	14
1.3. O Jovem e o Consumo – Quem não é visto, não é lembrado? .....	15
1.4. A voz do Funk – Representação social.....	18
1.5. Já que não me deram, eu vou assim mesmo!.....	19
1.6. Juventude – Identidade e Representação .....	21
2. Favelado 2.0 - “GatoMídia é Maker de Favela” .....	25
2.1. GatoMídia.....	26
2.2. Favelado 2.0 – Aprendendo as Gambiarras.....	28
2.3. <i>Makers</i> de favela .....	32
2.4. Construindo Gambiarras para o Futuro .....	34
3. Redes e Conexões .....	37
3.1. “Favela não é tudo igual” .....	38
3.2. Sem rótulos.....	40
3.3. Encontros que transformam.....	42
Considerações Finais .....	48
Referências Bibliográficas .....	50
Anexo.....	53

## INTRODUÇÃO

Durante um acesso no Instagram, visualizei uma postagem do Rene Silva, o jovem redator do jornal Voz da Comunidade, que convidava os seus seguidores para um encontro de jovens moradores do Alemão, para poder escutar aquelas vozes e debater as alternativas e soluções para todos os possíveis questionamentos apresentados. O encontro estava marcado para o dia 09 de maio de 2015 às 15 horas na Vila Olímpica Carlos Castilho, que fica ao lado da entrada da favela da Grotta.

Ao chegar ao encontro pude perceber que as pessoas que já se conheciam de outros eventos ou até mesmo por morarem no Alemão. Esse primeiro contato foi de total estranhamento de ambas as partes, porém fui recebido por uma jovem que foi uma das mediadoras do encontro e pude ter uma compreensão melhor do que iria acontecer, a proposta era ouvir todos os que estariam ali presentes, para que através do olhar de cada um, todos pudessem construir juntos uma favela melhor.

Para iniciar o encontro, foi solicitado que cada um se apresentasse informando qual era o seu nome, idade e o que esperavam daquele encontro, fui surpreendido pela quantidade de crianças presentes, e a constante fala no desejo de ter paz na comunidade e através disso poder participar das atividades que são desenvolvidas ali. Apesar da realização de muitos projetos, não são todos que mantêm continuidade, a ser exemplificado por uma das crianças presentes que informou que quando tinha aulas de vôlei realizadas por um projeto social no Alemão, ela gostava pelo fato de poder se divertir junto aos seus amigos em um horário em que não estava na escola, porém não continuaram com o projeto.

Ao ouvir as crianças que ali estavam e que apesar de participarem de projetos sociais da região e utilizar alguns equipamentos culturais como, por exemplo, o SESC Ramos e a Nave do Conhecimento, desconhecem outros que estão por perto dentro da própria favela, já que um dos apontamentos foi a necessidade de ter uma biblioteca, e havia uma senhora presente no encontro, que era a Gestora da Biblioteca Parque do Alemão. Podemos debater sobre essa falta de relação dos moradores do Complexo junto aos equipamentos culturais ali presentes e apesar de desconhecer a presença da Biblioteca, através daquele encontro houve a possibilidade de potencializá-la junto à comunidade.

A escolha do objeto de pesquisa se deu por acreditar no potencial que o jovem possui, além de sua força e seu papel dentro da sociedade. O jovem da favela tem outro olhar a partir de sua realidade e com determinadas ferramentas ele pode ampliar sua voz, suas experiências e sua realidade para o mundo. Esse tipo de abordagem sobre o tema é atual, pois

esse objeto tem ganhado espaço no meio acadêmico e sua fala se torna cada vez mais presente com relevância na sociedade, principalmente pela entrada dos favelados nas universidades.

Apesar de ser conhecido como o “medroso” entre os meus amigos e familiares, me lembro que apesar de morar em um bairro cercado de favelas sempre houve uma preocupação quanto à segurança das mesmas, onde eu me identificava como alguém isolado daquele meio. Recordo-me que em situações de conflitos, os sons dos tiros mesmo de longe me assustavam completamente ao ponto de desejar me esconder em algum cômodo seguro da casa. Embora existisse uma relação de estranhamento com aquele lugar, o interesse foi maior por conhecer as práticas culturais locais, e poder evidenciá-las e apresentar através de estudos quem são esses jovens e o que eles querem, mais do que a imposição de algo trazido de fora, propagar o que é produzido ali e suas necessidades.

Para isso, escolhi como objeto de pesquisa a residência Favelado 2.0 oferecida pelo Coletivo GatoMídia. O Favelado 2.0 foi uma residência proposta pelo coletivo, com ênfase em mídia e tecnologia, que aconteceu em março de 2016, no Complexo do Alemão. Apresentando uma proposta inovadora de conhecimento compartilhado em seus encontros e oficinas, além de uma compreensão de que existem *makers* na favela, a residência pôde abordar diferentes tipos de assuntos como identidade e cultura e que essa cultura que é produzida na favela precisa cada vez mais ser reconhecida. Os jovens moradores de favela atualmente são afetados por estigmas e estereótipos, que repercute em ações e discursos que promovem avaliações do estilo de vida que levam.

No primeiro capítulo, apresento um panorama sobre os conceitos de favela além de analisar o comportamento que o jovem morador de favela reflete a partir de sua realidade utilizando algumas fontes que lhe são dadas para se expressar na sociedade. No segundo capítulo, apresento o coletivo Gato Mídia e o programa de residência Favelado 2.0, pretendo trazer um novo olhar sobre as múltiplas identidades desses jovens, que usam suas redes sociais para mostrar suas vozes, seus desejos e suas necessidades, além da forma como cada um precisa solucionar os problemas do dia a dia, tornando-os *makers*<sup>1</sup> de favela. No terceiro capítulo, analiso como os jovens utilizaram as ferramentas oferecidas durante a residência, além do olhar a partir da minha experiência obtida com o coletivo nesses dias. Estarão presentes discussões sobre a experiência de compreender melhor quem são os *makers* de favela, além de poder trocar, estabelecer novas redes de contatos em um espaço no qual suas

---

<sup>1</sup> No segundo Capítulo será analisado o conceito de *Maker* e quem são os que tem praticado esse tipo de cultura a partir da ressignificação desse conceito.

identidades vão se tornando cada vez mais afirmativas. As informações presentes na pesquisa foram obtidas através de entrevistas e relato a partir da minha experiência durante a residência Favelado 2.0.

Com o intuito de discutir qual é o lugar do jovem de favela e de sua produção, essa pesquisa encontra um caminho de múltiplas respostas em um objeto no qual acreditamos ser essencial na construção da identidade do jovem da favela. Além disso, desconstrói conceitos nos quais são eles quem vão reconstruí-los de forma que não vão se submeter ao que a sociedade afirma que eles são. Buscamos através desse trabalho ampliar a visão para o que está sendo desenvolvido dentro da favela, as produções precisam de espaço pois já tem utilizado a sua voz, que expressa uma mensagem, uma história, uma afirmação. A escolha de fazer parte da residência e ter a oportunidade de viver essa experiência única não apenas abriu caminho para desenvolver um trabalho acadêmico, mas ampliou um olhar de cidadão que não desenvolve apenas uma crítica ao que ouviu durante a residência, porém expõe a importância de se conhecer e se afirmar sem medo de ser rotulado ou criticado, ser quem você é.

## CAPÍTULO I

### Alemão é Complexo – Favela, Juventude e Representação

Nesse capítulo, será apresentado um panorama sobre o conceito de favela e o Complexo do Alemão, suas distinções variáveis de acordo com o processo histórico, além do destaque da importância da juventude e sua representação dentro desse espaço de construção coletiva. Através dessa pesquisa pretendo fazer uma análise sobre as noções de identidade, representação, consumo, cultura, estigma e conflito, complexificando o olhar sobre esses jovens. Pois a cultura pode ser entendida como um elemento diferenciador, ocupando relevante papel no que tange a explicitação das diferenças entre as sociedades, sobretudo, no que se refere aos modos de pensar, sentir e agir das mesmas. Compreendemos que o jovem tem um papel fundamental e através da sua voz e de sua representação se integra mais na sociedade, muitas vezes distante da favela, para mostrar sua arte e sua cultura. Para dar início à discussão, faremos uma breve contextualização histórica, além de apresentar os significados utilizados de cada termo.

#### **Favela – Sua origem e história**

A primeira favela do Rio de Janeiro foi fundada em 1897 pelos veteranos da Guerra de Canudos (interior da Bahia), na qual cerca de 20 mil soldados, que haviam retornado à cidade após o fim da guerra, começaram a morar no já habitado Morro da Providência. Durante o conflito, a tropa governista havia se alojado na região próxima a um morro chamado "Favela". Originalmente, favela era o nome de uma planta que causava irritação quando entrava em contato com a pele humana, bastante comum na região. O nome se popularizou e, a partir da década de 1920, os morros cobertos por barracos e casebres passaram a ser chamados de favelas (VALLADARES, 2005).

Sua definição “oficial” traz a conotação de adensamento, ilegalidade, pobreza, insalubridade e desordem. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), esse tipo de habitação encontra-se assim definido: “aglomerado subnormal (favelas e similares) é um conjunto constituído de, no mínimo, 51 unidades habitacionais, ocupando ou tendo ocupado até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou não), dispostas

de forma desordenada e densa, carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais”. As centenas de favelas que seguiram, durante o século XX, também foram fruto da mesma necessidade de começar uma vida urbana em uma cidade carente de habitações com preços acessíveis. A cidade do Rio de Janeiro tinha diversos problemas de falta de moradia e ainda assim não parava de crescer.

No início do século XX, essas construções irregulares recém-formadas, assim como os antigos cortiços, eram vistas pela maior parte da população carioca como o lar da criminalidade e de doenças. Durante as reformas que a cidade ia passando para se modernizar, vários cortiços foram demolidos e seus moradores obrigados a procurar outras formas de viver no cada vez mais valorizado centro, entre as quais estavam ocupar os morros próximos, o que forçou uma forte expansão das favelas no período.

Embora políticas públicas voltadas para as favelas não tenham sido sistematicamente delineadas em documentos governamentais, em 1937 é criado um Código de Obras. O documento estabelecia que as moradias deveriam ser demolidas, e se referiam as favelas como “aberrações” (OSBORN, 2011). Anos depois, em 1940, as favelas foram consideradas um problema de saúde pública e um responsável oficial do governo removeu as pessoas que moravam lá para “parques proletariados”. Nesses parques os moradores recebiam cartões de identidade que eram checados na entrada pelos guardas antes que os portões se fechassem às 22h. Às 21h um administrador dava uma palestra pelo alto-falante refletindo sobre os eventos do dia e dando lições para os moradores (BURGOS, 1998).

Ações coletivas em torno de serviços públicos básicos cresceram nas favelas do Rio de Janeiro na década de 1950, com moradores ocupando ônibus lotados até a Prefeitura diversas vezes. Para agilizar esse processo, a Prefeitura solicitou que cada favela tivesse a sua própria Associação de Moradores. Assim, o grupo seria responsável por pressionar a administração quando as necessidades das pessoas não fossem atendidas, o que facilitaria a comunicação e organização dessa relação entre governo e cidadão.

Desde então, começando na era do Estado Novo (1937-1945) de Getúlio Vargas e atravessando o governo de Carlos Lacerda no Estado da Guanabara, até o Regime Militar nos anos 1960, vários programas de remoção e eliminação de favelas despejaram e desalojaram milhares de pessoas e destruíram vários barracos, sem obter alguma possibilidade de resolução do problema. Estima-se que no período compreendido entre os anos de 1962 e 1974, 80 favelas foram envolvidas nesses programas, resultando em 26.193 barracos destruídos e 139.218 habitantes removidos.

No final dos anos 1970 e início dos anos 1980, o inchaço populacional, a ausência do Estado e a ineficácia das poucas políticas públicas contribuíram para a instalação de centros de distribuição do narcotráfico nas favelas do Rio de Janeiro, o que tornou essas áreas ainda mais violentas. Foi apenas na década de 1990, quando esses assentamentos já estavam consolidados e as suas populações já eram enormes, que o governo municipal passou a buscar maneiras de urbanizar as favelas da cidade, ao invés de simplesmente derrubá-las. Nesse período, programas como o Favela-Bairro começaram a trazer algum tipo de infraestrutura a essas áreas, como água encanada, saneamento básico, coleta de lixo, iluminação pública, etc.

Em 2008, a Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro passou a implantar o projeto da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), que consiste em implantar unidades policiais em favelas dominadas pelo tráfico de drogas, retomando o controle territorial para o Estado. É importante deixar claro que o projeto não é uma novidade; faz parte de um arsenal de intervenções urbanas previstas para regiões ocupadas militarmente no mundo a partir de tecnologias, programas e políticas norte-americanas que vão do Iraque à Palestina.

Atualmente, o projeto atinge cerca de 540,5 mil pessoas na cidade por meio de 37 UPPs. Entretanto, denúncias de abuso de autoridade têm sido feitas contra alguns policiais militares que atuam nessas unidades. Adriana Facina aborda de forma crítica essa questão das UPPs:

No mundo real, UPP significa não ter mais o baile funk, diversão barata, acessível e atividade expressiva da juventude favelada. UPP quer dizer também que você precisa “estar bem na fita” com a autoridade policial que comanda a unidade para poder realizar eventos culturais, sejam eles públicos ou privados. UPP também pode querer dizer que, se você reclamar seus direitos, pode ser preso por “desacato a autoridade” (FACINA, 2014).

Como podemos ver, apesar de tamanha diferença, essa transformação afeta a realidade social: a rotina é alterada, surgem regras a serem cumpridas, horários a serem respeitados e certa insegurança, pois o processo de pacificação torna a grande maioria de seus moradores suspeitos de algo. A “pacificação” e a ocupação de algumas favelas do Rio de Janeiro se perfaz em forma de guerra, com o apoio das Forças Armadas Nacionais, instituindo gestão policial sobre a vida cotidiana dos que lá habitam. Dessa forma, a ideia de ausência do Estado nesses territórios é um mito; a atuação repressiva do Estado, na supressão dos direitos básicos dos moradores, não pode ser compreendida como inexistência.

## **Alemão - O Surgimento desse Complexo**

A palavra complexo possui diferentes significados. Dentre eles está a ideia de que complexo é algo de difícil compreensão. Entretanto, o que para uns é difícil, para outros pode ser de fácil entendimento. A utilização do termo tem sido cada vez mais recorrente quando queremos relacionar ao ser humano, à organização de sociedades, à educação e sistemas educativos, à tecnologia, para alegar apenas alguns dos temas em que é comum o uso de complexidades. Segundo o dicionário Aurélio, o termo complexo significa “uma característica daquilo que não é simples, daquilo que se mostra complicado, que não possui clareza, que é confuso, de difícil entendimento.”

Um complexo é formado por um emaranhado de fatores, nos quais relações de causa e consequência se interacionam. Tal como um novelo, em que não se distingue facilmente a ponta da linha, uma realidade é complexa quando não conseguimos de forma simples identificar o que seja causa ou consequência de um fato social, por estarem imbricadas, interligadas. Assim, a desigualdade social leva a formações culturais complexas.

Um conjunto habitacional é uma construção formada por numerosos elementos interligados, variados, ricos em diversidade, mas que funcionam como um todo uniforme. A partir dessa definição é possível compreender o uso que adquiriu a palavra no caso concreto da comunidade no Alemão. Porém a discussão do que seja um complexo habitacional é mais ampla; mais complexo que um amontoado de construções são as complexas relações produzidas.

Durante a década de 1920, o imigrante polonês Leonard Kaczmarkiewicz adquiriu terras na Serra da Misericórdia, que era, então, uma região rural da Zona da Leopoldina. O proprietário era referido pela população local como "o alemão" e, logo, a área ficou conhecida como "Morro do Alemão".

O Complexo do Alemão adquiriu existência nominal, administrativa e simbólica, a partir do ano de 1993 quando foi oficializado como bairro. No entanto, para seus habitantes, as particularidades dos lugares que compõe este conjunto administrativo, permanecem arraigadas na vasta paisagem que reúne junto a Serra da Misericórdia as principais favelas do Morro do Alemão, Grota ou Joaquim de Queiroz, Nova Brasília, Reservatório de Ramos, Parque Alvorada, Fazendinha, Morro das Palmeiras, Casinhas, Canitar, Cruzeiro, Pedra do Sapo, Mineiros, Matinha, Morro do Adeus e Morro da Baiana e que se conecta junto aos bairros de Penha, Olaria, Ramos, Bonsucesso, Higienópolis e Inhaúma.

Assim, o Complexo do Alemão é atualmente composto por um conjunto de favelas, abrangendo vários bairros da zona norte do Rio de Janeiro. Já foi considerado uma das áreas mais violentas da cidade. A abertura da Avenida Brasil, em 1946, contribuiu para o desenvolvimento da região, transformando-a no principal pólo industrial da cidade. O comércio e a indústria viriam a aumentar bastante suas atividades, mas a ocupação desordenada dos morros adjacentes acabou por dar lugar às favelas.

Para Patrícia Brandão e Rute Imanishi, “no imaginário social, o Complexo do Alemão costuma ser vinculado à criminalidade, à pobreza, à falta e à negação.” (2013, p. 2). Em relação à representação simbólica desta área para os demais habitantes da cidade, sua significação está impregnada dos sentidos da miséria e da violência urbana.

Segundo a Unesco no ano de 2015, o Complexo do Alemão, apresentava um total de 69.143 habitantes, entre esses 28% são jovens de 15 a 29 anos que totalizam 19.483 moradores. Suas diferentes posições nesse espaço social se relacionam a diferentes estilos de vida, em que uns possuem responsabilidade de uma casa, outros já são pais, alguns já cursam faculdade, muitos trabalham e assim segue a vida da comunidade, na qual essa relação entre seres diferentes vivendo em um lugar comum se mantém. Pensando nessa categoria como central para entender a produção cultural da favela, iremos discutir a ideia de juventude, atravessada pela questão do consumo.

### **O Jovem e o Consumo – Quem não é visto, não é lembrado?**

Tomaz Tadeu da Silva em seu livro *Identidade e Diferença*, apresenta uma “sociedade dividida” na qual “dividir o mundo social entre ‘nós’ e ‘eles’ significa classificar. O processo de classificação é central na vida social” (Silva, 2000). Essa afirmação implica na compreensão de termos como inclusão e exclusão, já que ao dizer que se é parte de algo significa que você não pertence a outra coisa; essa seria a diferença na classificação do “nós” que está conosco para “eles”, os diferentes de nós. De que forma essas marcas identitárias formam subjetividades nesses conjuntos habitacionais, notadamente no Complexo do Alemão?

A forma com que os jovens são vistos, ou constantemente colocados à margem é comum. Embora estejamos no século XXI o preconceito aprofunda as diferenças e as intolerâncias. E o jovem de periferia continua alijado. O fato de não ter o cabelo liso dentro dos “padrões” construídos de beleza, considerado como “certo”, ou através das roupas que são compradas com logomarcas de grifes os coloca distante do que é considerado moderno ou atual.

Para o sociólogo Cristiano Freitas, a ostentação presente nas favelas é uma forma de buscar reconhecimento econômico, além de reforçar a questão da identidade. "O 'consumo exagerado' é somente uma forma de interagir com a sociedade, de dizer: 'Se eles podem, eu também posso'<sup>2</sup>. Ao usar essas roupas os moradores não estariam distantes do preconceito presente dentro da própria comunidade, pois que morador poderia comprar uma roupa cara vivendo dentro de um lugar onde as condições seriam “precárias”? Nesse caso a única alternativa seria o fato daquela peça ser uma “réplica”, produto similar ao original, porém fabricado em outro país e muitas vezes de valor e qualidade inferior.

O modo de pensar o consumo foi se transformando de acordo com a construção do sujeito na modernidade. Essa associação entre consumo e estilo de vida é uma forte marca da lógica do capitalismo. O jovem, de maneira geral, deseja ser notado, seja através de suas roupas, suas atitudes ou práticas culturais. Para Paulo Carrano, a “questão juvenil” vem ocupando espaço, nas últimas duas décadas, sendo expresso tanto em preocupações mais gerais relacionadas com a inserção dos jovens na vida adulta quanto em âmbitos específicos que relacionam os jovens com as famílias, a educação, o mundo do trabalho, a sexualidade, as novas tecnologias, as drogas e a violência, dentre outros aspectos que transformam a juventude em “campo problemático”.

Existe uma preocupação no que será consumido, qual seria a forma de chamar a atenção e mostrar uma identidade própria, seja um penteado novo, o tênis da moda, uma camisa de marca. Esse jovem não passa mais despercebido por entre os becos da favela, e não se trata apenas do estereótipo. É necessário conhecer os funks onde há uma identificação com as letras e com os artistas. Não podemos ignorar que vivemos uma cultura de consumo em que o próprio consumo é o eixo central de diversas interações sociais e, sendo assim, ele acaba se tornando uma característica de um movimento artístico e cultural que está sendo utilizado atualmente como veículo mercantil. Como nos diz Adriana Facina e Pamella Passos,

Embora vivamos numa sociedade de consumo que estimula a associação entre a posse de bens materiais valorizados e a felicidade, a prática da ostentação, tão comum entre representantes da elite em nosso país, recebe fortes críticas quando o sujeito dessa ação são jovens, em sua maioria negros, de periferia. E, se o funk ostentação é criticado em matérias de jornais e revistas de grande circulação, a sua expressão em forma de rolezinho causou pânico e suscitou declarações de preconceito explícito, raramente confessados em situações de “normalidade” (FACINA; PASSOS, 2014 p. 22).

---

<sup>2</sup> Essa reportagem foi encontrada em um texto escrito por Maíra Azevedo ao site A Tarde. Disponível em <http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1704500-veja-os-sonhos-de-consumo-do-gueto> Acesso em 10 de maio de 2016.

Esse “rolê” que dá origem ao nome “rolezinho” se conecta ao lazer e à uma prática cultural. Porém, o que chama a atenção é como um simples gesto de sair e circular de forma livre ocupou um papel central nas principais mobilizações juvenis na cidade de São Paulo nos últimos tempos. Em 2014, o rolezinho ganhou ampla visibilidade nacional e internacional. Jovens das periferias urbanas se reuniam em grande número para passear nos shopping centers de suas cidades. O evento causou apreensão nos frequentadores e fez com que alguns proprietários dos estabelecimentos conseguissem o direito na justiça de proibir sua realização, barrando o acesso dos jovens.

Podemos utilizar o exemplo dos rolezinhos e de como a cultura do consumo nos coloca diante de uma crise de identidade, dos valores que o formam e definem as relações humanas. Seria a vida como um desfile, uma passarela da moda? Não, mas há uma encenação para que seja. Porém outros questionamentos são levantados, em que um tênis e um boné passam a ter um significado simbólico, para além da utilidade imediata de calçar o pé e cobrir a cabeça.

Existe uma mensagem por trás de tudo isso. Algo além dos cordões de ouro com grandes pingentes que muitas vezes são as iniciais do usuário, roupas de marcas, tatuagens e gírias marcadas. As tentativas de categorizar ou classificar os tipos de música que são consumidos se dão não apenas na divisão por gêneros das mesmas, mas cada um de forma individual dentro de contextos como classe, idade, etnia e religião. São pessoas que têm uma voz, exercem um papel dentro da comunidade, na qual relações de troca e união estão presentes como grandes agentes de formação.

Considerar o conceito antropológico de cultura de que tudo que o homem faz é cultura, através da produção de significado nos faz compreender de que tais atitudes são partes da cultura que cerca esses jovens, essas manifestações têm passado por constantes transformações, em todo tempo são retraduzidas e reapropriadas por seus criadores.

Para o pesquisador Renato Souza de Almeida, os “rolezinhos” levaram para dentro do paraíso do consumo a afirmação daquilo que esse mesmo espaço lhes nega: sua identidade periférica. Se quando o jovem vai ao shopping namorar ou consumir com alguns amigos ele deve fingir algo que não é, com os rolezinhos ele afirma aquilo que é. Levando em consideração essa produção de subjetividade que contribui para a construção da identidade, falaremos também sobre o funk enquanto manifestação cultural presente nas favelas.

## **A voz do Funk – Representação social**

Uma das práticas culturais que se desenvolve nas favelas, e é invariavelmente objeto de estigmatização e criminalização, é a proibição do estilo musical funk e dos bailes funk. Este estilo musical, por sua vez, também se expressa pelo estilo do funkeiro, que reúne marcas sociais e culturais expressas através da vestimenta, da dança, gírias, local de frequência dos bailes e também do território de moradia. Porém, esta prática de lazer também contribui para tipificar e identificar os jovens moradores de favela de maneira aleatória.

Durante a década de 1990, o funk carioca construiu sua identidade com letras que refletem a rotina das comunidades. Nas músicas produzidas durante essa década, os MCs afirmam a identidade das favelas como pertencentes à cidade e como territórios que não se resumem à violência midiática, mas que constroem sociabilidades e outros padrões de interação social entre as camadas populares (FACINA; LOPES). Com isso se tornou cada vez mais popular, multiplicando-se pela cidade os bailes. Em paralelo, o funk começou a ser alvo de ataques e preconceitos, por ser um ritmo popular entre as camadas mais populares da sociedade.

Menosprezar a questão das diferenças culturais, a partir de um entendimento próprio do que é cultura seria como aceitar de um modo geral e sem maior questionamento, que ela designava o conjunto de tudo àquilo que a humanidade havia produzido de melhor – através de materiais artísticos, filosóficos, literários etc. Assim as classes populares que vivem em uma realidade oposta ao que se tem como “culto”, não teriam a possibilidade de ter suas manifestações culturais reconhecidas, pois o seu sistema simbólico trabalha na afirmação do sujeito na sociedade, e sua totalidade se relaciona dimensionalmente ao lugar onde se está inserido.

Nada é mais continuado, tampouco é tão permanente, ao longo desses cinco séculos, do que essa classe dirigente exógena e infiel a seu povo. Tudo, nos séculos, transformou-se incessantemente. Só ela, a classe dirigente, permaneceu igual a si mesma, exercendo sua interminável hegemonia (RIBEIRO, 1995, p.69).

O funk tem sua origem no morro, na periferia, na comunidade, e representando esse lugar tornou-se patrimônio cultural do Rio de Janeiro. Aborda, na linguagem do local, o estilo de vida, a dificuldade, a exclusão social e a violência que assombra essas regiões. Ele tem, portanto, um caráter de ser crítico, de ser uma via de manifesto de opinião. Por meio do funk, há uma tentativa de almejar voos mais altos, mais dignos. Nossa sociedade condena e

criminaliza o “jovem favelado”. A ascensão social é possível, mas tem seus limites, arrasta consigo o suor milagroso de cada dia, as lágrimas e a dor de quem insiste em lutar por um futuro melhor.

O funk ostentação ganhou público com suas letras e exaltação às marcas e produtos de alto valor mercantil e passou até ditar moda: a moda do ostentar. O funk mostra-se como a expressão de outro caminho para se alcançar aquilo que se quer. Eis que o capitalismo irmana a todos, pobres e ricos, na posição de consumidores. Na impossibilidade intrínseca de igualar direitos e benefícios, o capitalismo iguala pretensões e cobiça.

### **Já que não me deram, eu vou assim mesmo!**

A autoafirmação é um processo social construído pelos indivíduos em sociedade. Embora os ‘rolezinhos’ e o ‘funk ostentação’ encontrem muita resistência e preconceito a prática social deles busca, através da autoafirmação, um senso de valor pessoal. Quanto mais objetos de marca você carregar consigo, mais eficientemente exibirá “seu” valor; “o que importa é o brilho do ouro em seus braços e pescoços”. O fundamental é deixar bem visível o símbolo do tênis e do boné aba reta que veio ali dos EUA. Ocorre um verdadeiro conflito entre o ter e o ser. O problema dessa esfera de consumo que passa a sediar os prazeres humanos faz com que se desenvolva uma identificação perversa entre consumo e posição social. Para Colin Campbell:

Essa questão não tem a ver com “por que consumimos?”. Para tal questão existe uma série de respostas amplamente aceitas, que vão da satisfação de necessidades até a emulação dos outros, a busca do prazer, a defesa ou a afirmação de um status etc (CAMPBELL, 2006).

Esse consumismo presente na atual modernidade faz parte de um determinado contexto histórico, mais preocupado em produzir vontades imediatas do que em satisfazer necessidades. Pode-se considerar tal atividade como um importante caminho e necessário para um autoconhecimento. Estes jovens ouvem funk ostentação e compram roupas de grifes caras. A indústria do consumo sabe muito bem como seduzir a partir da imagem, usando técnicas publicitárias para dar uma “alma” para um objeto vazio de sentido.

Em uma perspectiva não generalizante, o funk pode ser entendido sob variados aspectos. Pode ser compreendido como uma forma de protesto social. O movimento nasce da vivência em comunidade, nasce como um dar voz a quem não tem voz, porque está calado pela mídia e pela sociedade desigual. Mas o funk ostentação parece se transformar em um protesto

“inconsciente”. Segundo o jornalista Aldrin Jonathan, “Os funkeiros entenderam as entranhas capitalistas desde quando estas eram apenas sonho: Quem não é visto não é lembrado”<sup>3</sup>.

Os jovens da periferia representam atualmente uma grande quantidade de consumidores. Segundo o Instituto Data Popular, no ano de 2014, o Brasil tinha cerca de 31 milhões de jovens entre 16 e 24 anos. A renda dos considerados “classe média” (ganham entre R\$ 320 e R\$ 1.120 ao mês) é superior à dos jovens das classes alta e baixa somadas. Para esta geração, a busca pelo reconhecimento e ascensão social se dá pelo que possuem, em especial objetos de marca. Assim, nada mais lógico do que promover encontros nos paraísos de consumo atuais, os shopping centers.

Assim começa uma armadilha da aparência, do ter antes do ser. Não por acaso as redes sociais costumam ser a praia onde acumulam seguidores, templos do ego, de selfies, uma linha do tempo da vaidade. Onde não basta comprar, é preciso ter uma vitrine, mesmo que virtual, para exibir e compartilhar as conquistas materiais. Tal dinâmica virtual invariavelmente influencia muitos, mobiliza a maioria, afeta todos.

A identidade e representação estão estreitamente associadas à sistemas de significação, isso justifica uma necessidade de ser “lembrado” por onde se passa, essa representação externa se baseia em signos e uma própria linguagem, pois é gerada em um sistema de significação. A incompreensão do estilo de vida levado por esses jovens só garante a certeza de que a definição do “normal”, depende apenas da definição do “anormal”, porém há uma necessidade de aceitar essa identidade.

Podemos abordar isso através de um exemplo: o uso do celular alto, muitas vezes, soa como algo suspeito ou incômodo já que não é sempre confortável ouvir funk, ou um som que está falando sobre violência e sexualidade. Stuart Hall explica que, seguindo esta ideia as “representações da identidade estão vinculadas a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares o que estaria representando o seu pertencimento a determinado lugar” (Hall, 2006, p.76). A população nem sempre se vê receptiva diante desta representação, buscando encontrar respostas para esse tipo de atitude, seja pela falta de educação dos mesmos, pela sociedade violenta ou pelo esquecimento dos pais. Essas atitude de afirmação, seja através de falar alto dentro do ônibus ou na rua assusta e tem feito com que muitos generalizem tais atitudes como ações de marginalizados, já que um desconforto e uma desconfiança se dão a partir desses atos.

---

<sup>3</sup> Essa reportagem foi encontrada em um texto escrito por Aldrin Jonathan à Agência J. Press de Reportagem. Disponível em <http://jpress.jornalismojunior.com.br/2012/10/so-querer-ser-feliz-ouvir-tranquilamente-funk-escolhi/> Acesso em 19 de maio de 2016.

Toda essa dinâmica cultural encontra na tecnologia digital um suporte adequado para as complexas amostragens. Hoje em dia, além de fazer o download de música e poder escolher quando, como e que parte quer ouvir, pode-se ver a música. A facilidade que a internet proporciona faz com que as danças e coreografias sejam aprendidas, e os passos popularizados. Os jovens com idade entre 18 e 30 anos lideram o crescimento do rentável mercado de smartphones no país, por conta das condições de compra a prazo aliado aos planos populares de operadoras de telefone proporcionando o acesso à internet.

Na opinião que prevalece nos dias de hoje, ser jovem parece significar plenitude como oposto de vazio, possibilidades amplas, saturação de presença. A vida social é hoje dividida em múltiplas zonas de experiência, cada qual caracterizada por formas específicas de relacionamento, linguagem e regras. (MELUCCI, 1997, p.9)

As preferências musicais dos jovens por músicas midiáticas são comumente desvalorizadas se tornando alvo de julgamentos preconceituosos sobre sua formação. Uma vez que associada à cultura de massa, a cultura popular é tratada como sem valor cultural e uma mercadoria que atende aos interesses comerciais de capitalismo. A dança e a música tem sido agentes para que toda uma história de um local seja exibida como resposta ou até mesmo um grito que deseja uma reflexão sobre o que é a comunidade. No entanto, Zygmunt Bauman apresenta:

Além de ser um excesso e um desperdício econômico, o consumismo também é, por essa razão, uma economia do engano. Ele aposta na irracionalidade dos consumidores, e não em suas estimativas sóbrias e bem informadas; estimula emoções consumistas e não cultiva a razão (BAUMAN, 2008, p.65).

Entendemos que essas questões são complexas de serem abordadas dentro do escopo deste trabalho. Neste contexto, torna-se premente uma discussão mais ampla a partir das representações sociais que vêm sendo formadas diante das situações atuais. Já que essas representações são constantemente reformuladas e construídas no sentido de gerar uma tentativa de compreensão da realidade vivida.

## **Juventude – Identidade e Representação**

Não é de hoje que o jovem morador de favela busca a tranquilidade de se divertir em meio à noite, sem a preocupação acerca de sua segurança, se vai voltar a salvo para casa. É importante pensar nas questões que permeiam esse universo da favela: estereótipos, preconceitos, violência e cultura, todas presentes e atuantes na constituição do caráter do jovem para a sua formação como cidadão. Além disso, pelos processos impositivos, há também

relações de forças exteriores que agem sobre determinadas comunidades, por questões diversas, como política, economia ou intolerância religiosa.

Segundo a pesquisadora Maria Cristina Soares Gouvea, existe uma importância de conhecer o processo de construção da identidade social de uma criança moradora de favela, mostrando muitas vezes a ausência de uma preocupação com sua formação por parte da família, porém a presença de uma criação feita baseada na transmissão de valores e de conhecimentos construídos no diálogo com o lugar social que ocupam. Sobre tal visão, Paulo Carrano afirma:

Os jovens, mesmo aqueles das periferias onde cidade não rima com cidadania, são mais plurais do que aquilo que a instituição escolar normalmente intui ou deseja perceber. As escolas esperam alunos e o que lhes chegam são sujeitos de múltiplas trajetórias e experiências de mundo. (CARRANO, 2011, p.18).

A escola mostra-se desinteressante, não oferecendo mais garantias de ascensão e participação socioeconômica em uma era controlada pelo capital, tudo isso aliado à dificuldade que a maioria das famílias de periferias encontra, e falta de políticas públicas, cria um conflito dentro do próprio jovem que quer consumir, mas não enxergam alternativas para essa realização.

A questão da identidade pessoal e coletiva precisa ser concebida como um processo de interação e conflito. Os sujeitos, ao elegerem uma identidade, colocam-se em conflito com outros que a contestam. E a solução dos conflitos está relacionada com os recursos disponíveis aos contendores (a capacidade de ouvir posições divergentes e argumentar, por exemplo). (*ibidem*, p.20).

A criação de um jovem em uma favela é construída em um universo cultural marcado por referências de desqualificação e negações dentro de sua rotina dando origem a uma teoria de que criança de favela não tem cultura, muitas vezes é marcada por trocas de papéis, no lugar de brincar é necessário trabalhar, cuidar da casa e ainda conseguir tempo para estudar, também há relações com violência e agressividade que cercam a comunidade. Só nos três primeiros meses do ano de 2015 já houve um crescimento no número de mortos e conflitos dentro de favelas, nas quais grande parte deles é por conta dos conflitos policiais. A maioria das concepções negativas que fazem referência a essas crianças são demonstradas por essas relações intersubjetivas onde a agressividade e a violência são marcantes.

Para Marcus Faustini em seu livro *Guia Afetivo da Periferia*, “o entendimento do significado da palavra violência se deu através do jornal apresentado pela televisão”, porém se opõe à realidade vivida por jovens moradores de favela que presenciam a violência desde sua infância. Segundo Carrano, os jovens de favela vivem a crueldade da presença de agentes policiais que agem violenta e corruptamente nessas comunidades.

No entanto em meio a esse conflito, a presença dos jovens e a inexorável convivência com a violência produz um novo olhar sobre a importância de ter uma voz dentro da comunidade, mostrando o oposto ao que se vê na grande mídia. Essa voz é reconhecida através de diversas formas de expressão artística, como as letras do funk que trazem uma interpretação diferente do morador da favela, ou através do uso estratégico das redes sociais para chamar a atenção para seus problemas e as suas necessidades. E isso não quer dizer necessariamente sair da favela, mas construir dentro dela um lugar de visibilidade e escuta, já que sempre se ecoou uma voz que expressa o que se passa, porém que não era necessariamente ouvida.

Um exemplo disso é o jovem Renê Silva, que no ano de 2010, se utilizou da plataforma *Twitter* e passou a divulgar e relatar a invasão policial de dentro da favela do Complexo do Alemão em tempo real. O jovem é idealizador do projeto “Voz da Comunidade”, um jornal mensal que tem como público-alvo os próprios moradores do Complexo.

Afirmamos, portanto, que a cultura popular se constrói não em um estilo único clássico ou massivo, mas sempre se relacionando e a partir desses embates vão se renovando, pois a cultura tem o papel da construção do social e não apenas um reflexo do social, mas algo sólido. Onde a construção do “eu” social me dá um papel ativo onde eu possuo um poder que não é absoluto dentro de uma sociedade. A favela traz um novo olhar sobre a cultura no Estado do Rio de Janeiro. Esse território possui uma grande riqueza dentro da cidade, é a mistura de arte com a vida que faz a esperança de viver sua rotina ser chamada de cultura. Não há prédios históricos com grandes fachadas, e os que ali estão presentes, não conseguem esconder a beleza da natureza presente. Apesar de seus problemas estruturais, é possível compreender que há o desenvolvimento de uma arte diversificada e muitas vezes incompreendida, tais questões ampliam nosso olhar para esse espaço popular desmistificando todo um conceito baseado em falta de recursos e carência social.

O olhar sobre a sociedade a partir de uma realidade vivida dentro da favela é completamente diferente das vividas fora, a compreensão de quais são as reais necessidades, os perigos e sua rotina só conhece os que vivem ali, o que tem feito com que alguns jovens que participam de coletivos ou são apenas moradores, se mobilizem para ganhar visibilidade e mostrar a cultura que ali é produzida, ou conseguir chamar a atenção para solucionar problemas que são esquecidos pelo governo ou que continuam sem solução.

Nesse capítulo, foi apresentado, um panorama sobre os conceitos de favela além da análise sobre o comportamento que o jovem morador de favela reflete a partir de sua realidade, utilizando todas as fontes que lhe são dadas para se expressar na sociedade. Entendemos que a

produção cultural que acontece dentro das favelas tem seu valor e sua singularidade e por isso, deve ocupar um lugar além dos becos e vielas, presentes nas comunidades do Rio de Janeiro.

No próximo capítulo, será apresentado o coletivo Gato Mídia e o programa de residência Favelado 2.0. O coletivo atua diretamente com os jovens do Complexo do Alemão e a residência abarca outras favelas do Estado do Rio de Janeiro, fazendo uso sistemático da tecnologia na construção da sua identidade e afirmação cultural. Com esse estudo pretendo trazer um novo olhar sobre as múltiplas identidades desses jovens, que usam suas redes sociais para mostrar suas vozes, seus desejos e suas necessidades, além da forma como cada um precisa solucionar os problemas do dia a dia, tornando-os *makers* de favela.

## CAPÍTULO II

### Favelado 2.0 - “GatoMídia é *Maker* de Favela”

O tema juventude tem ocupado nas últimas décadas um lugar de relevância sobre a preocupação de muitos indivíduos em sua inserção na vida adulta, pois atualmente em nossa sociedade as mudanças são constantes em relação à produção e reprodução da vida social. Hoje em dia a autonomia que o jovem tem em relação ao “mundo adulto” para estabelecer seus próprios conceitos de identidade e representação é completamente diferente comparado a alguns anos atrás. Assim, sua herança familiar pode se opor à capacidade de construção de um repertório cultural particular:

Hoje, os jovens possuem um campo maior de autonomia frente as instituições do denominado “mundo adulto”, para construir seus próprios acervos e identidades culturais. Há uma rua de mão dupla entre aquilo que os jovens herdaram e a capacidade de cada um de construir seus próprios repertórios culturais (CARRANO, 2011, p. 7-8).

E não se dá apenas no âmbito familiar essa influência ou esse “despertar”, onde a escola é tida como lugar de reconhecimento de cidadão e preparação profissional para o universo adulto. Conectados ao mundo pela internet, integrando sites de relacionamentos, os jovens se movem em redes. Ao interagirem com o mundo virtual, acabam construindo um sentimento de autonomia, disputando sua identidade e as diversas formas de representação.

Através do avanço tecnológico, o telefone celular amplia suas funções, podendo ser usado para transmissão e recepção da voz, acessar internet, verificar e-mails, fazer download de músicas, vídeos e filmes, fotografar, assistir televisão, ouvir emissora de rádio, além de armazenamento de dados. Ao usar o celular, é possível assumir o papel de receptor, transmissor e fonte de informações, rompendo assim alguns paradigmas da comunicação.

Para o pesquisador Jorge Luiz Barbosa, “o uso da internet significa a apropriação e uso de tecnologias que afirmam a visibilidade do jovem de origem popular”, pois através de sua página nas redes sociais, ele se exhibe, fala de si, identifica quais são as suas preferências, afirma seus gostos, destaca seus conflitos e entra em contato com jovens parecidos com ele e diferentes dele também.

Para analisar essas questões, escolhi um coletivo para fazer um estudo de caso. A atuação de coletivos, que definiremos a seguir, dentro das favelas é por muitos considerada como a “voz da minoria”. Os coletivos contribuem para a organização e construção de uma

rede para os jovens de diversos territórios. Há uma necessidade dessa articulação junto aos movimentos sociais, mídia e favela, criando novas leituras sobre as comunidades populares e afirmando a favela como um agente de produção cultural da cidade.

Na busca pelo que não é óbvio ou fácil, um coletivo veio ao meu encontro, durante um encontro de juventudes do Complexo do Alemão que aconteceu no ano de 2015. Conheci o coletivo GatoMídia e me chamou a atenção o tipo de trabalho que era desenvolvido, a proposta para a residência seria de imersão tecnológica e afirmação social do jovem que mora na favela e pode reproduzir seu olhar “de dentro para fora”. E mais do que trazer algo que não faz parte da realidade desses moradores, a experiência vivida durante as duas semanas do Favelado 2.0 pôde inseri-los em uma rede tecnológica na qual novas habilidades são desenvolvidas, e ao utilizá-las, os tornam seres pensantes a partir de sua rotina dentro da favela.

### **Gato Mídia**

O coletivo é um espaço de deliberação coletiva. As reflexões suscitadas são ligadas às circunstâncias cotidianas, com limitações e potencialidades que os próprios moradores conhecem bem. A maioria dos assuntos discutidos está nas mentalidades, nas cabeças e nas bocas, dispensando maiores explicações de causa e efeito, produzindo reuniões nas quais a pauta é: e então, o que faremos?

Diante das particularidades que envolvem a favela, esse espaço muitas vezes precisou inventar sua forma de estar na cidade. Um exemplo disso são os tradicionais “gatos”, maneiras que os moradores desses lugares encontraram para utilizar desde serviços básicos, como água e luz, até serviços de necessidade contemporânea, como internet ou TV a cabo. Isso aponta esse território como um espaço de constante inventividade e criação de soluções para suas demandas, uma vez que esses serviços são oferecidos de maneira deficiente pelos órgãos competentes.

Ao entender o “gato” como uma forma não-tradicional de acesso a serviços, o GatoMídia propõe uma formação em conjunto nas ferramentas de mídia alternativas como por exemplo Facebook, Youtube, Twitter e Instagram; nas quais é feita uma cobertura colaborativa e são dados “macetes” para potencializar esses recursos e gerar visibilidade para seu projeto, trabalho ou causa. É um projeto de convivência e aprendizado em mídia e tecnologia para jovens de espaços populares, que existe desde 2013 no Complexo do Alemão,

tendo como objetivo estimular que jovens e negros possam produzir sua própria comunicação, rede e conexões. Com isso, possibilita diferentes narrativas, visibilidade, oportunidades e ideias criativas coletivas que ajudam a construir um mundo mais justo, igualitário e afetivo.

“GatoMídia é um projeto de formação em mídia e tecnologia para jovens de favela”. Essa é a definição dada sobre o coletivo em sua página no Facebook.<sup>4</sup> Esse tipo de inserção do jovem que mora na favela junto a tecnologia tem crescido consideravelmente nos últimos anos.

Assim, no GatoMídia, durante os encontros os integrantes se reconheciam como favelados, sem a conotação pejorativa. Contrariamente, há uma perspectiva positiva. O favelado é um fazedor, um *maker*. A gambiarra é a solução, o recurso, é inteligência aplicada em circunstâncias adversas. Esse ato criativo advém da necessidade.

Às vezes é preciso começar pelo óbvio. Um coletivo é mais que um. Certo, acho que até aí há consenso – por mais que um sujeito sozinho possa ser muitos. Entretanto, ao colocarmos assim, restam outras variáveis importantes. Um coletivo é mais que um e é aberto. Essa é uma primeira característica que evita que tratemos os coletivos como um grupo, como algo fechado; melhor seria dizer que um coletivo é antes um centro de convergência de pessoas e práticas, mas também de trocas e mutações. Ou seja, o coletivo é aberto e seria, assim, poroso em relação a outros coletivos, grupos e blocos de criação – comunidades (MIGLIORIN, 2012, p.308).

Thamyra de Araújo é a idealizadora do coletivo, além de jornalista e mestra em Cultura e Territorialidades pela Universidade Federal Fluminense. Para ela pode se entender o ‘gato’ como uma forma não tradicional de acesso a serviços: “Gato Mídia é uma formação em conjunto das ferramentas de mídia alternativas: Facebook, Youtube, Twitter, Instagram, e macetes de como potencializar tais recursos para gerar visibilidade ao seu projeto, trabalho ou causa”.

Os jovens das periferias não querem somente o lugar daqueles que acessam a internet apenas para procurar cursos de formação e sub-empregos. Diferentemente disso, querem socializar, flertar, comprar... e assim, na pseudo-democracia da rede fazem surgir eventos como os chamados “rolezinhos”, transpondo para espaços físicos antes destinados as classes médias e alta (shoppings) seus desejos e práticas (FACINA; PASSOS, 2014, p.17).

Para termos uma ideia de como esta geração tem usado as novas tecnologias digitais, no ano de 2013, o portal de informação juvenil apresentou alguns dados interessantes em relação ao acesso de blogs: o Brasil é o quinto país no mundo de leitores de blogs. O número

---

<sup>4</sup> Link para acesso a página do coletivo GatoMídia no Facebook: <https://www.facebook.com/gatomidia/home>

chega a quase nove milhões de leitores de acordo com dados do Ibope/NetRatings, nos quais a audiência de jovens chega a ser até mais de 50%.

O Complexo do Alemão e suas treze favelas principais, distribuído por cinco bairros da zona norte possui muitos coletivos que atuam diretamente no Complexo, tais como o Papo Reto<sup>5</sup>, Foto Clube do Alemão<sup>6</sup> e o Instituto Raízes em Movimento<sup>7</sup>.

No ano de 2015, o coletivo Gato Mídia pretendeu ampliar-se para outros territórios além do Complexo, como a Cidade de Deus, dentro do Circuito Favela Criativa<sup>8</sup>. Para Thamyra a visibilidade é um direito que gera outros direitos, por isso através das mídias alternativas se iniciaria um mecanismo de produtor de si mesmo e de uma militância ativa.

A comunicação como direito coloca o indivíduo como protagonista e criador da sua própria subjetividade. O debate sobre a representação através do que se veste foi feito através do coletivo, pois se é possível utilizar camisetas de bandas ou de logomarcas famosas, por que não utilizar mensagens que falem sobre a sua realidade? Para os jovens, a marca e o consumo se tornam não apenas uma forma de se inserir na sociedade, mas também afirmação de valores, assumindo um caráter identitário.

Na página do coletivo no Facebook, a sua descrição diz que se trata de um projeto de aprendizado e vivência em mídia e tecnologia para jovens de espaços populares. Esse tipo de coletivo promove o questionamento de todos os que se envolvem em seus projetos, com o intuito de promover a favela com o que é positivo, produtivo e cultural.

Pensando nos coletivos e em toda a sua potencialidade, na construção e participação na vida do jovem na favela, iremos analisar a residência oferecida pelo GatoMídia.

## **Favelado 2.0 – Aprendendo as Gambiarras**

Favelado 2.0 foi a residência oferecida pelo GatoMídia, onde 20 jovens foram selecionados para participarem de uma sequência de oficinas que envolviam, fotografia, criatividade, edição de vídeo, entre outros. Em março de 2016, se iniciou o programa de

---

<sup>5</sup> O coletivo Papo Reto é um coletivo de comunicação independente composto por jovens moradores dos Complexos do Alemão e Penha. Tem como foco propagar notícias dentro do morro: eventos, protestos, reivindicações e também atua como um canal que mostra a realidade da favela.

<sup>6</sup> É um projeto de fotógrafos experientes com fotógrafos amadores do Complexo do Alemão com o objetivo de promover saídas fotográficas e ensinar fotografia às pessoas da comunidade.

<sup>7</sup> O Instituto Raízes em Movimento tem como missão promover o desenvolvimento humano, social e cultural do Complexo do Alemão e demais comunidades por meio da participação de atores locais como protagonistas desses processos, tendo como foco o fortalecimento e ampliação do capital social dessas comunidades.

<sup>8</sup> É formado por um conjunto de projetos que oferece a jovens agentes culturais formação artística e especialização em gestão cultural e estabelece canais de diálogo entre eles, possíveis parceiros e patrocinadores potenciais.

residência em mídia e tecnologia, com duração de 15 dias. A experiência de aprender mais sobre tecnologia não se deu apenas na teoria; o grupo foi incentivado a produzir algum material ligado a essas oficinas junto ao que lhe agrada, sendo feito de forma particular cada escolha.

Falar sobre uma experiência de residência, em primeira instância, significa habitar o lugar onde se desenvolverá um trabalho, em diálogo com os demais contextos propostos em suas atividades e integrantes que farão parte da residência a fim de produzir um trabalho singular e transformador. O coletivo GatoMídia visou promover uma formação qualificada para esta proposta de trabalho. Durante o processo, ocorreram oficinas de fanzine, fotografia, roteiro para programa, construção de texto, cobertura colaborativa, mídias sociais, além da participação no documentário sobre jovens inovadores do Brasil pela perspectiva da favela como um território fértil e inovador capaz de produzir soluções criativas para os problemas da cidade.

Para a realização da residência Favelado 2.0, o coletivo GatoMídia levantou fundos através de uma campanha de financiamento colaborativo chamada “Todos pelo Alemão”, junto com outros sete projetos comunitários no Complexo do Alemão em dezembro de 2015, e recebeu verba do Common Action Forum de Madrid.

Mais de 200 moradores jovens de favelas se inscreveram para participar da residência. Foram selecionados 20 deles. Sendo metade das vagas oferecidas para moradores do Complexo do Alemão, onde a residência foi ministrada, e as outras vagas foram para moradores de favelas de toda a cidade do Rio de Janeiro e da Baixada Fluminense. A seleção final incluiu moradores do Complexo do Alemão, Maré, Jacarezinho, Cavalcante, Engenho da Rainha e Complexo da Penha, na Zona Norte; Cidade de Deus e Praça Seca na Zona Oeste; Santa Marta e Tabajaras, na Zona Sul; e São João de Meriti na Baixada Fluminense. Os participantes chegaram ao workshop com diferentes interesses, incluindo design gráfico, teatro, vídeo, jornalismo e grafite.

As oficinas foram ministradas por uma equipe de jovens de origem de favela, inseridos na cultura de rede e que desenvolvem projetos autorais em plataformas digitais. Entre os convidados estavam: João Lima, jornalista e foto documentarista; Lucas Pelegrineti, designer e animador; Mayara Donaria, Conselheira da Juventude do Rio de Janeiro; Marcelo Magano, ator e comediante; Raull Santiago, mídia ativista e integrante do Coletivo Papo Reto; Thamyra Araújo, jornalista e idealizadora do projeto GatoMÍDIA; Daiene Mendes,

criadora do FaveLê; Enderson Araujo, criador do coletivo Mídia Periférica e membro do Conselho Curador da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC).

Durante duas semanas esses jovens se reuniram no período da tarde, na Nave do Conhecimento<sup>9</sup>, localizado na Praça do Terço, na Nova Brasília, no Complexo do Alemão. O espaço não seria melhor, com uma grande quantidade de computadores disponível para os moradores acessarem, além de salas completamente equipadas com o que se tem de mais moderno em relação à tecnologia para oferecer cursos, com a missão de promover ações voltadas para o desenvolvimento humano e social que fomentem a consciência crítica e contribuam para a efetivação de práticas transformativas da sociedade através da participação comunitária.

A proposta seria que cada um deles poderia ser um *maker* e que apesar dessa ideia de uma produção digital, era possível ampliar para a sua realidade na favela e não a limitando a uma única visão apresentada pela sociedade. O surgimento de um *maker* muitas vezes se dá a partir de uma gambiarra, uma solução imediata e muitas vezes improvisada, que é feita de forma criativa para resolver aquela situação naquele instante. Através dessa experiência durante a residência cada um teria a oportunidade de reformular os conceitos que são ditos fazendo uma atualização à realidade de cada um deles.

Por meio dessas reformulações eles poderiam “hackear” para outras pessoas todo o conhecimento adquirido, essa atitude está completamente relacionada ao conhecimento compartilhado pelo fato de assim que você recebe uma informação ou aprende algo novo você compartilha isso para outras pessoas. E esse hacker compartilha o conhecimento de forma diferente e inovadora, atualizada de acordo com a realidade que se vive.

Isso é feito de uma forma diferente através de seus signos e linguagem, tornando maior a compreensão dos que recebem tais informações. “O conhecimento é coletivo e deve ser compartilhado, e todo mundo tem alguma coisa para ensinar”<sup>10</sup>. Essa fala se destaca pelo fato de nos encontros, ser constante a formação da roda, na qual não há uma hierarquia entre os residentes e aqueles que estão dando a oficina, há uma troca constante e o lugar de expor sua voz é aberto a todos. Esse tipo de experiência potencializa cada uma que participa de uma

---

<sup>9</sup> Inaugurada pela Secretaria Municipal de Habitação (SMH), em 23 de dezembro de 2011, a Nave do Conhecimento atua com gestão do CECIP – Centro de Criação de Imagem Popular, promovendo atividades culturais e artísticas para públicos de todas as idades e cursos regulares de formação técnica e profissional nas novas tecnologias da informação e comunicação para jovens e adultos. <http://www.pracadoconhecimento.com.br/institucional/#sthash.mAsCiK6l.dpuf> Acesso em 22 de abril de 2016.

<sup>10</sup> Fala da Thamyra de Araújo em relato presente em vlog no Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d48vlc7xHAW> Acesso em 01 de julho de 2016.

forma que eles se sentem à vontade para expor suas experiências e compartilhar todo o conhecimento adquirido.

Dentre os jovens selecionados, havia grafiteiro, designer gráfico, atores e youtuber.<sup>11</sup> Todos eles puderam compartilhar seus projetos durante a oficina de cobertura colaborativa, estabelecendo redes entre pessoas com um olhar diferente a partir de suas experiências em suas comunidades e a partir dessa experiência, potencializá-los a buscar as ferramentas necessárias para a ampliação dos projetos.

Durante uma das oficinas foi proposto que cada grupo desenvolvesse um roteiro e fizesse um vídeo a partir das decisões coletivas. A forma como cada um se sente muitas vezes é distante do que é apresentado como importante pela sociedade, e isso influenciou no desenvolvimento do trabalho, no qual um grupo apresentou um vídeo sobre um “GambMake” uma união das palavras gambiarra e make fazendo referência à maquiagem, a proposta de apresentar um canal no Youtube<sup>12</sup> completamente avesso ao que as blogueiras apresentam, já que ao invés de usar maquiagens de grandes marcas, as meninas apresentavam bases, lápis de olho, rímel, sombras e outros produtos de beleza todos eles comprados por até R\$10,00 e que através dessas dicas as meninas poderiam ficar mais bonitas para irem ao baile ou a social na laje.

Apesar da proposta de trazer um conhecimento talvez desconhecido por parte do grupo, pude perceber<sup>13</sup> que muitos que estavam participando da residência, tinham alguma experiência com as ferramentas apresentadas, porém nem todos a utilizavam como uma ferramenta a favor das suas comunidades. No entanto, os talentos quando eram separados em grupos, faziam surgir projetos inovadores e criativos a partir da singularidade de cada um e do que era formado através das ideias apresentadas. Essas propostas reforçam o fato de que todos são jovens criativos e que eles podem criar soluções para o dia-a-dia de forma inovadora e acessível.

Luís Antônio Machado Silva no livro “*Cidade: história e desafios*” também chama atenção para a categoria de favelado ao analisar que apesar das lutas políticas e reivindicações dos movimentos sociais urbanos, propondo uma pauta de demandas visando melhores condições de vida nas favelas, esta organização ainda não foi suficiente para garantir um padrão de integração social urbano da favela à cidade de forma não subalternizada. A

---

<sup>11</sup> Youtuber atualmente são os jovens que se utilizam da ferramenta Youtube para promover seus vídeos.

<sup>12</sup> YouTube é um site de compartilhamento de vídeos enviados pelos usuários através da internet.

<sup>13</sup> Tive a oportunidade de participar da residência “Favelado 2.0” e essa experiência será relatada no próximo capítulo com mais detalhes.

categoria social de “favelado” segundo o autor, surge como a expressão de um processo de constituição social, pautado na subordinação e por um grande diferencial de poder destes em relação a outros estratos sociais. Em relação a esse aspecto, destaco a descrição da residência publicada na página do coletivo:

#### FAVELADO 2.0

É a aquele garoto ou aquela garota que mora na favela ou periferia urbana e não tem Mac em casa, mas faz questão de ter um celular bacana da última moda Samsung ou Iphone. Ele já nasceu na época do wifi livre e adora fazer uma boquinha. O seu celular é extensão do seu corpo, carrega pra lá e pra cá. Faz selfie da festa na laje ou no quintal de casa, mas não deixa de filmar o conflito no beco. Nenhum acontecimento no seu território passa despercebido pelas lentes do seu android. Não é especialista em software ou aplicativos, mas é especialista na rataria. É só sair um aplicativo novo que já começa a testar. O favelado 2.0 faz da lan house seu lugar de pesquisa e sociabilidade, gosta de mostrar seu talento com a música, dança e moda com vídeos no youtube. Tem sua linguagem própria no facebook “noiz por noiz” gosta de usar a timeline como diário de sua visão de mundo. Faz evento no face só para encontrar com os amigos. Adora fazer meme de si e da galera. Tem os muros da favela como lugar de expressão e o click como espaço de verberação. Ele tem o seu celular como dispositivo afetivo e a viela como principal inspiração (Publicação feita na página do Facebook do coletivo Gatomídia. Acesso em 07 de julho de 2016).

Para o residente Kelson Succi, ele se torna um Favelado 2.0 quando acorda e se olha no espelho e resolve encarar a sociedade. Abre o armário repleto de roupas esquisitas, porém se tornam as suas armaduras para enfrentar a ignorância cotidiana. Quando as pessoas não entendem de onde ele sai e para onde ele irá. Há um grande desejo, do estímulo à produção de forças que potencializem o morador da favela como um protagonista de uma realidade que existe, que está além da estatística que se torna manchete na grande mídia, porém que não pode ser negada. E é a partir disso é que os jovens utilizam as redes para garantir os direitos de quem vive na favela, quando os direitos são ceifados por outras forças, principalmente do poder público.

#### **Makers de favela**

O conceito de *maker* surgiu nos Estados Unidos há alguns anos e vem ganhando força e espaço recentemente. Segundo o jornalista americano Chris Anderson em seu livro *Makers — A Nova Revolução Industrial*, uma nova geração de inventores está criando pequenas indústrias graças à ajuda de ferramentas modernas, que moldam peças e objetos com base em desenhos de computador, e à facilidade de comunicação e troca de informações pela internet. A partir do que seria um DIY, que significa “Do it yourself”, ou “Faça você mesmo”, já existem várias publicações dedicadas aos interessados nesse tipo de empreendedorismo, e seus seguidores se encontram anualmente para discutir as novidades em

eventos que reúnem milhões de pessoas ao redor do mundo, como a *Maker Faire*, a principal feira de DIY do planeta, que acontece na Califórnia.

O Movimento Maker é uma extensão mais tecnológica e técnica da cultura Faça-Você-Mesmo (ou como os gringos dizem, DIY - Do-It-Yourself). A idéia é que pessoas comuns, como eu e você, podemos consertar, modificar e fabricar os mais diversos tipos de objetos e projetos com nossas próprias mãos. (Lemos, 2015)

Em uma direção totalmente oposta, mas mantendo a linha de fabricar, produzir e consertar através das habilidades e ferramentas que se tem a mão, o GatoMídia se apropria do conceito para aplicá-lo aos moradores do Alemão que precisam adaptar as suas rotinas através daquilo que eles possuem, resolvendo os problemas que surgem através de soluções locais.

Partindo do desejo dessas pessoas e olhando pelo lado da cultura *maker*, ela fala de construção, reparação e modificação de coisas em geral. Podendo envolver qualquer tipo de profissional, pois é um movimento bem mais abrangente do que normalmente pensamos. Nossa cultura da gambiarra e de criatividade para a solução de problemas do dia-a-dia, e também para superarmos os desafios que nos cercam a cada momento, tendem a despertar dentro de cada um o seu lado *maker*.

Apesar de estar ligado à eletrônica e à computação, esse movimento se torna muito maior e mais diverso. E é essa diversidade que nos torna um *Maker*, através da necessidade, gerar uma solução para um problema em casa ou tentar consertar algum objeto quebrado. Através disso se amplia a identificação em ser um *maker*, ou fazedor, essa resignificação amplia o olhar de quem está produzindo dentro da favela e o valoriza como uma potência local.

Através da resignificação desse conceito para além da tecnologia, iniciaria uma valorização de cada fazedor, pois pensam em soluções alternativas à suas necessidades. Durante a pesquisa, pude ter contato com os diversos *makers* de favela e suas gambiarras, seja através do uso ao ar livre como barbearia se utilizando de um espelho que servia como porta de um armário para que o cliente possa observar o trabalho, do lava jato que não funciona em dias de chuva, pois o céu se encarrega de lavar os carros, ou se reinventar como uma senhora que conheci, que possuía um salão onde ela exercia a função de manicure, e após a desapropriação do terreno, sem emprego, seu marido cria um trailer pequeno, para que a esposa possa voltar a trabalhar, no mesmo ponto, junto as mesmas clientes de uma forma totalmente inovadora.

Além disto, durante as oficinas, algo que ficou muito evidente, foi o fato de que qualquer pessoa pode desenvolver as habilidades necessárias para se tornar um *maker*. Isto se

dá durante o processo. Algo fundamental dessa cultura é a oportunidade de compartilhar seus projetos e seus conhecimentos para que outros possam aprender e se inspirar através deles.

### **Construindo Gambiarras para o Futuro**

Ninguém nasce assim detendo um conhecimento específico, pois são nossas experiências ao longo da vida, dentre escola, amigos, família e trabalho, que nos dão as condições para explorar ideias. De desenvolver a curiosidade e o conhecimento, além de colocá-las em prática. A forma como experimentamos o mundo, como nos relacionamos com os outros e com os objetos que nos cercam é que criam, ao longo do tempo, as condições para desenvolvermos uma mentalidade de fazedor.

Durante sua experiência de pesquisa no Complexo do Alemão, Adriana Facina pôde ver o quanto as condições muitas vezes adversas gera fazedores. A criação se insere dentro de um contexto de cultura de sobrevivência, isso pode se destacar através da fala de um MC morador do Alemão: “Não existiria o Complexo do Alemão se não fosse a cultura. E a cultura não só a cultura artística do grafite, do rap, do pagode, do samba. Não, eu acho que é uma cultura da sobrevivência.”<sup>14</sup>. A fala do MC se destaca pois é para sobreviver que surgem as ideias, essa cultura que existe na favela se relaciona diretamente com a solidariedade de se compartilhar as soluções.

Para exemplificar, temos as *lan houses*<sup>15</sup> que foram criadas na favela para facilitar o acesso à internet aos moradores, esse tipo de acesso que não era presente, agora é compartilhado e acessível. Para poder superar uma realidade muitas vezes difícil, de constante ausência, se constrói uma cultura local de sobrevivência e facilidade e temos como exemplos o mototáxi e as kombis que facilitam o acesso e locomoção dos moradores por dentro das favelas.

Tais ações tem gerado interesse pelos jovens em compreender mais o assunto, pois é algo que não entra em conflito com os padrões culturais e as sociabilidades locais das favelas. E apesar da escassez de recursos presente nas favelas, a utilização da reciclagem dos objetos e sua ressignificação tem feito com que essa ideia de que a necessidade é o que gera o fazedor. Portanto, o desenvolvimento de suas práticas sociais e as experiências sociais cotidianas são

---

<sup>14</sup> Fala do MC Raphael Calazans em entrevista a pesquisadora Adriana Facina presente no texto “Vamos desenrolar”: reflexões a partir de um projeto de extensão universitária no Complexo do Alemão (2016).

<sup>15</sup> Lan house é um estabelecimento comercial semelhante a um cyber café na qual os usuários pagam para utilizar um computador com acesso à Internet e entretenimento através dos jogos em rede ou online.

influenciadas pelos condicionantes socioeconômicos, políticos e culturais que entrelaçam toda dinâmica da vida social.

A cultura presente nas favelas possui grande potencial, as ideias que surgem através de uma necessidade, muitas vezes podem se tornar algo além de um simples improviso. Deveria se potencializar o que já existe, porém não há força e visibilidade, é preciso olhar para o que surge não como uma simples gambiarra, mas como algo com potencial.

O talento para o improviso se mostra nas gambiarras de água, luz e internet, além de construções ou desenvolvimento tecnológico. Com a grande proporção que tem tomado, esta cultura vem criando cada vez mais espaços de desenvolvimento de inovação, mas que ainda não se estabeleceram formalmente dentro das favelas.

O Complexo do Alemão é uma favela que por diversos motivos costuma ter grande visibilidade na mídia, sejam pelos episódios de conflito violento ou pelas situações classificadas como desordem social e urbana de forma genérica (habitação, “gatos” de luz, venda de mercadorias e comércios locais não registrados oficialmente).

A proporção que a cultura “*maker*” tem ganhado atualmente tem feito com que surjam projetos que estimulem os jovens a desenvolver sua criatividade e seu potencial artístico. Por exemplo: o projeto “Gambiarra Favela Tech” aconteceu no primeiro semestre de 2015, estimulando os jovens de diferentes favelas cariocas, em ser originais, através do contato com conceitos básicos de física e matemática, além de romper com qualquer preconceito em relação aos materiais recicláveis.

A sociedade atual enaltece esse tipo de criatividade popular, o famoso ‘jeitinho brasileiro’, pois criam soluções para uma vida melhor, em que buscam amenizar as dificuldades. Com isso as gambiarras têm sido cada vez mais valorizadas, e apesar de não se ter o recurso, a gambiarra se torna uma solução.

Apesar do acesso à internet em algumas favelas ainda ser precário, os jovens, seguem criando gambiarras e *hackeando* as ferramentas para criarem suas narrativas dentro e fora das redes, utilizando seus celulares e *tablets* como um canal de alcance de sua voz. Através dessas ferramentas, vão ampliando sua voz para lugares além do imaginável, essa voz anuncia a potência que a favela traz.

Através de uma reinvenção constante, a gambiarra se torna uma filosofia e arte. As gambiarras feitas nas favelas são meios reveladores de compreensão de um processo criativo em geral. No qual o fazedor pode desenvolver um produto novo, alguma solução inesperada através do que se tem, reutilizando os materiais e dando novas funções a eles.

Neste capítulo foi apresentado o coletivo GatoMídia além da residência “Favelado 2.0”, abordando o papel do “*maker*” de favela como aquele que faz; o papel da gambiarra de uma forma completamente diferente do senso comum, onde é ela a solução imediata para um problema imprevisto; a forma como foi proposto cada encontro, em forma de roda onde todos puderam se colocar sem um conceito certo ou errado, a partir disso houve certo conforto em compartilhar as experiências vividas.

No próximo capítulo será analisado como os jovens utilizaram as ferramentas oferecidas durante a residência, além do olhar a partir da minha experiência obtida com o coletivo nesses dias. Estarão presentes discussões sobre a experiência de compreender melhor quem são os *makers* de favela, além de poder trocar, estabelecer novas redes de contatos em um espaço no qual suas identidades vão se tornando cada vez mais afirmativas. Essa afirmação acontece de dentro para fora em cada um desses jovens, se iniciando muitas vezes a partir de um questionamento e se externando em suas falas, roupas e até em seus cabelos, assim como os encontros que se iniciavam dentro de sala e finalizavam do lado de fora da sala no meio da favela.

### CAPÍTULO III

#### Redes e Conexões

Neste capítulo analiso o processo de desenvolvimento e atuação após a residência “Favelado 2.0”, as redes estabelecidas e a forma como alguns jovens utilizaram as ferramentas dadas nas oficinas. Para um melhor desenvolvimento da pesquisa foram realizadas duas entrevistas com residentes do projeto: Isys Maciel e Sabrina Martina. A escolha para as entrevistas se deu pela visível transformação durante as atividades oferecidas na residência e a forma como as duas tem se afirmado como faveladas após o fim da residência. Atualmente, as jovens tem representado o GatoMídia e a residência Favelado 2.0 nos eventos em que o coletivo tem sido convidado, relatando suas experiências durante a residência.

Construir o conhecimento junto com os sujeitos e buscar uma transformação coletiva pode se tornar um grande desafio, no entanto, essa experiência exige uma ruptura com as metodologias tradicionais e hierarquizadas às quais estamos historicamente acostumados. Esse tipo de iniciativa precisa ser reconhecida, investir nessa potência já existente e aproximar os equipamentos de educação, artes e cultura das favelas para que essa troca de informações seja constante e sua construção coletiva.

As redes de sociabilidade na favela são referenciadas em uma experiência em comum e movidas por uma prática de solidariedade tecida no cotidiano e cujo horizonte é a própria sobrevivência no urbano. Através de um novo olhar sobre a forma como o conhecimento pode ser compartilhado, com uma proposta de ampliar e multiplicá-lo, valorizando o que já se produz na favela muito antes do surgimento do termo *maker*, a necessidade se torna muitas vezes uma ponte para se tornar fazedor, pois quando se precisa de algo, muitas vezes é necessário ter uma iniciativa para que surja uma solução. Por isso é importante ampliar o entendimento de que o favelado é um *maker* mesmo sem saber.

O grande diferencial oferecido pela residência é o fato de que apesar de terminar a oficina, os encontros e os trabalhos, a forma como cada um voltará à sua rotina dentro de suas comunidades se transforma de forma significativa. Através de toda essa rede que se construiu durante as duas semanas da residência pôde se ampliar não só um olhar ou comportamento, mas se estimulou a produção de conteúdo através da realidade vivida por cada um em suas comunidades, mostrar o que há de bom na favela e nos seus moradores, além de consolidar uma conotação positiva à palavra favelado que há muito tempo é estigmatizado.

## “Favela não é tudo igual”

Em entrevista realizada em 28 de junho de 2016, perguntei a residente Sabrina Martina<sup>16</sup> sobre o que ela destacaria sobre a experiência vivida na residência. Esse foi o primeiro projeto social na qual ela participou, por isso não fazia ideia de como seria essa experiência e apesar de ser moradora do Complexo, ainda não havia se envolvido em projetos sociais da localidade: “Eu queria me expressar de outras maneiras e eu sabia que ali era o lugar certo”. Apesar de escrever poesias, não havia um entendimento de potencialização do seu olhar sobre a comunidade através de mídias sociais.

Através da divulgação da residência Favelado 2.0, houve um interesse em fazer parte do projeto e uma expectativa em como seriam essas duas semanas de residência aprendendo diferentes tipos de oficinas. Por ser recém-formada no ensino médio, ela se surpreendeu com a metodologia usada na residência, a experiência da roda onde cada um pode falar um pouco de si, do que está fazendo e atuando em suas comunidades, essa experiência a fez entender que ela estaria no lugar certo. “Quando eu cheguei lá eu falei, caraca! Tanta gente talentosa do meu lado”, a experiência que cada um expôs dentro da roda durante a abertura da residência e a forma como se encerrou o primeiro encontro, a energizou para ter uma experiência transformadora.

O primeiro contato com uma câmera fotográfica aconteceu na oficina de fotografia onde ela pôde experimentar outro olhar, mais técnico e profissional além de registrar o que acontecia. A oficina de roteiro foi outra surpresa para Sabrina, era algo que ela queria aprender e a cada dia que passava ela se surpreendia com o conteúdo que era passado, e isso só aumentou o desejo de escrever poesias sobre a residência, e como cada um deles deveria apresentar algum projeto que eles quisessem desenvolver ou já acontecesse. Ela apresentou um projeto que pretende desenvolver junto com moradores de rua, o nome do projeto é “Somos Mais”, com uma proposta em que a sociedade mude o seu pré-conceito em relação a eles, pois para ela a sociedade já desvaloriza o morador da favela e o morador de rua é muitas vezes esquecido, inclusive por quem mora na favela.

Durante a experiência prática, na segunda semana de residência ela escolheu ficar no grupo de texto onde através da construção coletiva seria desenvolvido um texto a partir das experiências e vivências de cada um. “Tipo assim era gente que escrevia pra caramba,

---

<sup>16</sup> Sabrina Martina tem 18 anos, é moradora do Complexo do Alemão e foi uma dos jovens escolhidas para fazer parte da residência “Favelado 2.0”. Esse relato se deu através de entrevista feita com a jovem no dia 28 de junho de 2016 na Vila Olímpica Carlos Castilho localizado no bairro de Ramos.

mandava super bem. Aí eu pensei caraca, eu vou conseguir agora eu vou desempacar”. Além disso, pôde se sentir honrada em aprender com pessoas que ela já admirava e lia os textos que eram produzidos por eles, e apesar de saber quem são, não se conheciam e essa foi uma oportunidade de produzir juntos.

A residência foi inspiradora, pois de fato tiveram consequências positivas na vida dela, através dessa vivência ela pôde ampliar o seu olhar e buscar cada vez mais um aprendizado para ser compartilhado. Com o fim da residência ela começou a colocar em prática e produzir, além de interagir e participar de outros projetos no Alemão, e manteve o contato com a Thamyra, a quem pedia ajuda quando precisava de alguma dica para as suas produções. Atualmente, Sabrina e Isys Maciel tem sido representantes do coletivo GatoMídia e da residência “Favelado 2.0”. A primeira experiência foi no evento Conferência 3D<sup>17</sup> que aconteceu em 25 de maio de 2016 no Centro de Artes da Maré. Por ser a primeira apresentação elas ficaram nervosas mas conseguiram superar isso e expor suas experiências para outros também receberem esse impacto que foi gerado durante o “Favelado 2.0”. Após essa experiência, ela afirma estar mais segura para falar em público, e estar mais à vontade de ter um espaço para falar como favelado: “A gente tá aqui, somos capazes, olha o que a gente está produzindo e precisamos de mais espaços assim.”.

Apesar de muitas vezes o Complexo do Alemão ser noticiado pela violência, Sabrina pretende mudar isso. Com o fim da residência ela pôde se descobrir, por conhecer o estereótipo negativo da palavra favelado ela não se reconhecia como tal, e hoje já há uma afirmação em sua identidade sobre qual é a sua origem e por isso ela se orgulha em ser favelada. A partir disso ela começou a produzir, e em todos os seus projetos seja audiovisual ou através da literatura com as suas poesias, ela busca enfatizar que tem cultura no Alemão, que eles são capazes e o que a favela é capaz de produzir é algo incrível e inovador. Ela procura manter essa ideia, inclusive nas paródias que produz e compartilha na internet, e ao ter contato com outros projetos ela procura expor como é o olhar dela hoje sobre a favela e ampliar suas redes através desses contatos.

Para Sabrina, é necessário mostrar a arte que está sendo produzida dentro da favela, e através disso “mostrar como a favela é colorida de potente”, e através da experiência obtida junto ao Gatomídia, ela pôde observar o quanto é importante a experiência da troca em um

---

<sup>17</sup> Evento que compôs a campanha [Favela 3D - Disposição, Diversidade e Direitos](#). A campanha Favela 3D propõe que a favela é lugar de potência e o favelado sujeito potente da cidade.

encontro e isso fez uma grande diferença em sua participação em outros projetos, a bagagem de cultura que ela pôde trazer da residência. Atualmente ela participa de um projeto de audiovisual e estão produzindo um curta metragem: “Eu só me inscrevi porque eu sabia que tinha a ver com a oficina de roteiro, então eu vou ver como é que é”. A experiência novamente foi surpreendente, Sabrina tem se envolvido cada vez mais na área audiovisual e colocando em prática o que começou no Favelado 2.0, ela está participando da produção de um curta metragem que está explorando quem são os artistas da favela e o que eles estão produzido dentro do Complexo do Alemão.

Após o encerramento da residência Favelado 2.0, Sabrina pretende compartilhar a cultura do fazedor, ela inclusive produziu uma paródia chamada “*Maker* de Favela” e apesar de ter sido feita sem maiores pretensões, ela pretende divulgar essa cultura que hoje faz parte da vida dela e ajudar as pessoas a entenderem o quanto elas são talentosas e o quanto elas podem produzir.

### **Sem rótulos**

Para a estudante Isys Maciel<sup>18</sup>, foi uma surpresa ela ter sido chamada, pois a jovem soube da residência a partir de uma amiga que informou que estava aberto o processo de um curso no Alemão, que seria ligado às mídias, como ela não estava envolvida na área de comunicação e tecnologia achou que não conseguiria a vaga. Assim como os demais residentes, ela acreditava que as oficinas aconteceriam da maneira tradicional onde eles aprendem o conteúdo e muitas vezes pela hierarquia não podem questionar, e foram surpreendidos pela experiência do conhecimento compartilhado e das conversas em roda.

A metodologia aplicada durante a residência surpreendeu Isys pelo fato dela estar acostumada com uma relação entre aluno e professor da forma que muitas vezes não há uma liberdade em questionar algo devido à autoridade do professor ser algo presente. Diferentemente da relação construída durante os encontros da residência, onde a roda não tornava alguém superior, todos eram iguais e estavam ali para dialogar e se expressar uns para os outros.

---

<sup>18</sup> Isys Maciel tem 15 anos, é estudante, moradora do Complexo da Penha e foi uma dos jovens escolhidas para fazer parte da residência “Favelado 2.0”. Esse relato se deu através de entrevista feita com a jovem no dia 05 de julho de 2016 em um shopping localizado no bairro da Penha.

Além do mais, segundo ela, a oficina de cobertura colaborativa realizada pela Thamyra pôde ajudá-la a potencializar o seu canal no Youtube: “Me inspirou porque tipo assim, quando eu entrei lá eu tinha 140 inscritos, aí hoje em dia eu já tenho quase 600”. A oficina ajudou na compreensão do que é necessário para uma boa divulgação do seu conteúdo nas redes sociais, e através das ferramentas oferecidas ela tem se utilizado para potencializar o canal e ampliar o número de visualizações.

Para a segunda semana de residência, durante a experiência prática, a residente escolheu trabalhar com fotografia. Durante esse processo os jovens puderam escolher três tipos diferentes de oficinas nas quais trabalhariam e apresentariam ao final da residência. Houve uma compreensão do que acontece por trás da fotografia, durante o registro eles não apenas fotografavam mas conversavam com o morador da favela que estivesse produzindo algo diferente ou inovador e procuravam compreender qual a origem da gambiarra feita, qual seria a razão para aquele serviço ou objeto. Cada fotografia tinha uma história, é uma memória que se pode mostrar e, além disso, colecionar tais registros.

Além disso, Isys registrou<sup>19</sup> toda a experiência da residência Favelado 2.0 em seu canal no Youtube, a forma como ela pôde vivenciar e ampliar o seu olhar sobre o que é ser favelado está registrado e se expressa de forma particular, alcança não apenas os que participaram mas muitos outros que podem compreender quem é o favelado e o que tipo de conteúdo ele está produzindo.

Apesar de morar na favela, não havia uma identificação com a mesma, um orgulho em falar de onde era: “Eu desde pequena sofri preconceito por morar na favela”. A fala da estudante me chamou a atenção, pois ao dizer que era moradora de favela ela sabia que isso acarretaria em um julgamento por parte de seus amigos. Diferentemente do que aconteceu na residência, onde a partir das experiências obtidas em cada uma das oficinas e de toda troca de conhecimento, houve uma compreensão positiva e uma identificação com a palavra favelado: “Aí hoje em dia em tenho orgulho de dizer que eu sou favelada, entendeu?”. A fala da estudante Isys nos leva a compreender que houve uma identificação no que é ser um favelado através da experiência vivida durante as duas semanas de residência e além desse entendimento, o reconhecimento do mesmo como um *maker*, o fazedor, no qual o produto que é feito por ele é algo inovador e necessita de divulgação. Além disso, há uma compreensão de

---

<sup>19</sup> O registro feito por Isys Maciel em seu canal “eumesma.com” se encontra disponível no Youtube. [https://www.youtube.com/channel/UCcDSdi\\_TYaW6zgRpTqydN\\_g/featured](https://www.youtube.com/channel/UCcDSdi_TYaW6zgRpTqydN_g/featured)

que serão eles os residentes do Favelado 2.0 que vão hackear essas informações e propagar quem são os *makers* de favela.

Essa experiência pôde trazer além de uma afirmação identitária, conhecimento, pois a jovem não conhecia o termo *maker*, e através da explicação do conceito houve uma compreensão sobre tudo o que é feito na favela, para a jovem: “se você quiser e tiver força você consegue”, pois a necessidade de resolver e solucionar os problemas diários, tem feito do favelado um *maker* e apesar de para muitos ser algo inovador e atual, na favela isso já acontece há muito tempo.

Outra coisa que chamou a atenção de Isys foi a oportunidade de poder conhecer outros jovens que são de diferentes favelas do estado do Rio de Janeiro, e poder se relacionar com eles e ver o potencial que há nas favelas, não apenas na teoria mas na prática, conhecendo quem são os favelados que estão conseguindo alcançar seus objetivos através de seu potencial. A partir dessa troca de experiências ela pôde compreender o que é ser favelado e começou a se aceitar mais. Segundo ela, ainda no começo da residência ela estava em um processo de “embrancamento”<sup>20</sup>, pois antes ela tinha cabelo alisado. Atualmente ela assumiu os cachos e associa tal mudança à experiência que teve junto ao coletivo GatoMídia, como algo incrível e transformador e que esse tipo de conhecimento precisa ser compartilhado com outras favelas, para que através dessa experiência outros jovens possam ter suas vidas transformadas.

Ao final da residência, Isys pretende continuar com seu canal e levar ciência para as comunidades. A jovem associa o termo ciência com o *maker*, pois você observa, você experimenta e você cria, por isso pode ser associado ao fazedor. Além disso, a residente tem representado o coletivo nos eventos nos quais ela pôde compartilhar um pouco de sua experiência durante o período da residência.

### **Encontros que transformam**

Uma pesquisa se torna completamente diferente das demais a partir do momento em que rompemos com os discursos prontos. A prancheta na mão repleta de perguntas que muitas vezes se parece com um interrogatório e não ampliam o olhar do pesquisador para o objeto, se opõe à experiência de vivenciar o objeto e se tornar parte dele. Para que essa pesquisa fosse

---

<sup>20</sup> É o tipo de experiência na qual uma menina se adapta aos formatos de beleza ditos como padrão de cabelos que são alisados.

desenvolvida, resolvi me “infiltrar” na residência Favelado 2.0 e viver a mesma experiência que aqueles jovens teriam.<sup>21</sup>

Durante o primeiro encontro, me surpreendeu a maioria das falas daqueles jovens, sobre temas como violência dentro da favela, o controle muitas vezes abusivo por parte da UPP, em relação às festas que antes aconteciam ali. Não havia um desprezo em relação às diferenças culturais, mas uma troca, cada um com seu conhecimento e sua experiência, discutindo a forma de se afirmar dentro de uma sociedade que tem um “pré-conceito” em relação aos moradores da favela.

Assim, quando definimos a favela como um território, não estamos nos referindo somente ao espaço físico das diferentes favelas, mas também às construções simbólicas que informam as representações sobre elas, bem como às práticas culturais e experiências compartilhadas por seus moradores, por sua vez implicadas em processos de formação de identidades (FACINA, 2013, p.23).

A partir da singularidade de cada um, foi dado um caderno de notas para que todos pudessem escrever algo que os chamasse atenção, descrever o seu trajeto de forma que através dessa narrativa surgiram ideias criativas. Além disso, cada um poderia criar um fanzine<sup>22</sup> do que havia chamado a sua atenção naquele primeiro encontro, e uma das residentes colocou algo que me chamou a atenção, em seu fanzine havia a seguinte frase “Se for para ir pro chão, só se for ao som do tamborzão”, relacionando o fato de estar no chão apenas para se divertir e não para fugir de alguma situação perigosa ou conflitante.

Durante as oficinas, se estimulava essa produção através da singularidade de cada um para o coletivo, quando nas atividades propostas eles deveriam apresentar algo que foi produzido por eles mesmos. Quando houve a oficina de fotografia, foi discutido que a sua câmera, seu celular ou o recurso que você usar para registrar determinada situação pode sim se tornar uma arma, que através desse registro a voz da minoria é ouvida e vista.

O tema *maker* se destacou durante a oficina de roteiro na qual a criatividade se tornou o principal assunto, pois a grande discussão seria que o morador da favela é um fazedor muito antes desse conceito existir. O favelado pensa no que fazer para solucionar os problemas que está ao seu redor, isso de forma criativa e essa criatividade é algo que se corre atrás. Apesar dessa habilidade de desenvolver alternativas e soluções, me chamou a atenção durante a fala de uma das residentes, o fato de ela declarar que quem vem de origem popular,

---

<sup>21</sup> Acredito que pelo fato de me posicionar como pesquisador, não fui considerado um residente, e por isso não tive o meu nome presente no documentário e no texto coletivo, no entanto pude aprender bastante com essa experiência, fazer novas amizades e estabelecer novas redes de contatos com jovens de diferentes favelas do estado do Rio de Janeiro.

<sup>22</sup> Fanzine é um tipo de revista editada por um fã.

teria a dificuldade de pensar e organizar suas ideias, já que desde pequenos são estimulados a ser pragmáticos, ter que estudar, se formar, se tornar um cidadão dentro dos padrões exigidos pela sociedade. A partir disso o olhar a respeito das coisas muda, já que um olhar diferente exige uma postura diferente.

Para Zygmunt Bauman em seu livro “Identidade” (2005), há uma alegoria que relaciona a montagem do quebra-cabeça à construção da identidade, pelo fato de que um quebra-cabeça comum já apresenta uma imagem pré-determinada, na qual quem montar o jogo tem apenas o trabalho de unir as peças de acordo com a imagem final, que já é apresentada e conhecida. Na construção da identidade, o sujeito precisa unir peças de várias imagens diferentes, conflitantes, e nunca possuirá um resultado único e harmônico. Além disso, há outra diferença entre o jogo e a construção de uma identidade, já que no primeiro, todas as peças do jogo estão presentes, nada está sobrando, tudo já está preestabelecido, se algo faltar, a criança volta à loja para devolver o brinquedo, pelo fato de estar incompleto e, por isso não servir para brincar. Enquanto no jogo a tarefa é “direcionada a um objetivo”, no caso da identidade, o trabalho é “direcionado para os meios”.

Apesar de todas as oficinas terem um espaço para pensar a vida e as práticas do jovem de favela com um potencial criativo, foi na oficina de cobertura colaborativa que pude perceber o quanto cada um deles já estava inserido em um mercado e que já sabia qual seria o caminho a seguir posteriormente ao fim do período da residência. E toda atenção estava nos detalhes à forma como alcançar um público alvo para o seu projeto através das redes sociais, pois é um meio com grande peso entre os jovens atualmente.

A partir do que foi oferecido nas oficinas e das relações entre as pessoas, houve um questionamento sobre a identidade de favelado, o termo que tem sido associado a algo negativo, se torna positivo, inovador e único através da compreensão de que o favelado é um *maker* e que essa cultura do “faça você mesmo” está presente na favela muito antes desse termo existir. A forma como cada jovem se expressou e também como alguns se sentiam em relação a ter vergonha de dizer onde moravam, ou até mesmo encontrar um padrão de beleza comum, no alisamento de seus cabelos, se modificou de forma significativa. Durante a oficina através das constantes trocas entre os participantes, foi ampliado o entendimento de quais são as suas origens e a constante luta por um espaço e para se colocar dentro da sociedade como realmente são como favelados.

A identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação, pois é através da compreensão da mesma que se adquire um sentido. Tomas Tadeu da Silva afirma

que “a definição do normal depende apenas da definição do anormal” e por conhecer apenas uma forma do que é ser favelado, no encontro com outros é gerado um impacto positivo, a afirmação de quem são suas origens. Por exemplo: muitas mulheres têm falado sobre a transição capilar, que o que era tido como feio, vem ganhando espaço para se afirmar diferente do padrão, afirmando a beleza, o empoderamento e reconhecimento do cabelo crespo. A mulher negra que se identifica com suas raízes negras, mulheres que são representadas por quem são, e se afirmam dentro da sociedade de forma completamente oposta ao padrão de beleza que se impõe atualmente. Essa representatividade está na fala delas, uma fala particular, uma voz ativa, onde o discurso não é alterado ou minimizado.<sup>23</sup>

A residência se encerrou no dia 12 de março de 2016 com um evento realizado no espaço Bistrô Estação R&R, que pertence a Marcelo Ramos, criador da cerveja Complexo do Alemão e mais um *maker* de favela. Houve uma discussão sobre os *makers* de favela e a apresentação de projetos desenvolvidos durante as duas semanas que aconteceu a residência. O debate tinha como tema “Quem são os *makers* da favela?” e contou com a participação de algumas pessoas que já tem produzido conteúdo além de produtos como cerveja e roupas, e através disso estão levando a favela a novas direções, como por exemplo, Denis Torres, criador da marca Complexidade Urbana, atualmente a marca consegue alcançar não apenas os moradores do Alemão, mas recebe pedidos vindos de todo o país. Além de estar presentes também, Ana Muza Cipriano, idealizadora do jornal PPG - Informativo Pavão Pavãozinho e Cantagalo, e Lana Souza, integrante do Coletivo Papo Reto, entre outros.

A proposta do debate era uma forma de apresentar aos residentes e aos que estavam presentes, quem são os *makers* de favela e cada um deles pôde contar um pouco de sua trajetória, como conseguiram se engajar e desenvolver algo que apresenta a favela para além do que se mostra na mídia. Além disso, a forma como será apresentado o produto que você desenvolve ou até mesmo o seu engajamento político faz a diferença pelo fato de que viver na favela é outra realidade e nem sempre se tem espaço para produzir e desenvolver tais produções.

Além do mais, o texto que foi desenvolvido de forma coletiva e apresentado durante o encerramento (ver o anexo) pôde expressar uma das realidades do que é ser favelado na atualidade, a sua conexão direta junto às redes sociais, o fato dele já nascer em uma época onde o acesso à tecnologia é maior e seu celular se tornar uma extensão do seu corpo, que ele

---

<sup>23</sup> Durante a experiência da residência, pude ouvir com frequência esse discurso e a forma como cada uma se aceita e como se valorizam em uma sociedade onde por muito tempo foi necessário se padronizar. Porém atualmente elas tem se afirmado de forma totalmente contrária valorizando a sua beleza e indo de forma oposta aos padrões ainda presentes na sociedade.

pode levar para onde for e através disso, registrar tudo: nada foge do seu olhar. Sua linguagem é particular e se utiliza de seu próprio perfil no Facebook como um diário de sua visão não só do lugar onde vive, mas do mundo.

Além disso, o Favelado 2.0 é aquele que está por dentro dos aplicativos atuais, que faz fotos com a sua galera, de um encontro com os amigos ao almoço com a família, e pode compreender que o seu celular pode ter muito mais que a função de divertimento, mas pode ser usado como registro em meio aos conflitos cotidianos. Ele é aquele que aprende para ensinar, que está disponível para ensinar aquela tia que comprou o celular e não sabe usar. Durante os dias da residência cada um pôde se identificar um pouco com o que estava acontecendo, através das experiências vividas e das discussões, houve uma transformação em relação a conceitos que precisam ser mudados, e através dessa mudança no olhar ampliar a visão sobre quem é o favelado atualmente e qual é o lugar dele dentro da sociedade.

Apesar de ser uma experiência nova, pude perceber o quanto é importante reunir os jovens em um espaço para conhecimento e trocas coletivas, onde não há uma fala que sobrepõe as outras, porém há um lugar de igualdade no qual mais do que receber o conteúdo você também compartilha a sua experiência. A residência pôde desenvolver em cada um de nós algo tão único que nos impulsionou a seguir, desenvolver e produzir conteúdo que afirmasse quem nós somos e a partir disso surgir lindos trabalhos, pois não se trata de algo comum, mas do que foi gerado de forma singular em cada um.

O encerramento da residência deixou saudades, pois de fato seria mais difícil conseguir reunir todos juntos novamente em um encontro, devido às rotinas que voltariam a ser as mesmas e além do mais nem todos eram moradores do Alemão, e apesar disso valeu a experiência não apenas como um aprendizado, mas como troca que acontece quando se reúne jovens criativos e com um olhar sobre a vida de forma completamente diferente uns dos outros. Essa experiência não se limita apenas aos dias das oficinas, mas em cada um de nós que participamos, a ideia é não reter o conhecimento e por onde passar, compartilhar o que tem se aprendido, afinal o conhecimento precisa ser compartilhado.

Neste capítulo, abordamos como a experiência obtida através da residência Favelado 2.0 – Construindo Gambiarras para o futuro impulsionou e ampliou a visão dos que fizeram parte desse projeto. Analisamos o conceito de favela e favelado a partir de uma desconstrução desses termos, na qual se reconstrói a partir de seus próprios conceitos. Podemos perceber que a presença desse tipo de projeto social, voltado para um público jovem, pode se tornar um espaço para compreensão de quem é esse jovem na sociedade e não apenas dentro da favela,

além de gerar discussões importantes e necessárias sobre o que se produz e até onde vai o alcance dessas produções. Tais observações contribuíram para as reflexões que serão apresentadas a seguir nas considerações finais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa se propôs a desconstruir estereótipos acerca da favela e do que se tem produzido lá, através da residência proposta por um coletivo do Complexo do Alemão, que se utiliza das mídias sociais para alcançar os jovens e mostrar a sua potência. Segundo José Luiz dos Santos, as culturas diferentes das nossas que muitas vezes não estão presentes em nossa vida cotidiana e rotina, nos assustam. E por um longo tempo o olhar para o morador da favela, para suas práticas culturais e sociais era de estranhamento e preconceito.

O embasamento teórico se destacou pelo fato de compreender que há pesquisadores que assim como nós, lutam pela valorização de uma minoria que tem o seu valor e sua cultura a ser exposta para o mundo. Através de diferentes conceitos propostos por cada autor, em relação à identidade cultural, cultura popular e consumo na atualidade, me proporcionou maior identificação e compreensão da relação entre juventude e favela. Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva, Adriana Facina, Paulo Carrano, entre outros pesquisadores, contribuíram para que através de tais teorias, outro olhar surgisse, ampliando as possibilidades e caminhos, valorizando e reconhecendo as diferentes práticas de cultura.

Ao analisar profundamente a residência Favelado 2.0, podemos afirmar que o coletivo que proporcionou tal experiência, se apropriou de recursos tecnológicos para o debate de um discurso sobre identidade e cultura. A ideia é ampliar o conhecimento e valorizar o trabalho que foi desenvolvido através de sua relevância na sociedade e a forma como esse discurso tem ocupado novos espaços no qual há uma liberdade em falar o que está acontecendo na favela. Dessa forma, o objeto analisado cumpre um papel importante de expressão identitária do jovem de favela, em função de suas práticas sociais e culturais, vividas no Complexo do Alemão.

A experiência que vivi pôde ampliar minha visão sobre o que acontece ao redor de onde moro. Apesar de não morar dentro do Complexo do Alemão pude me identificar com a luta pela qual esses jovens estão envolvidos, viver em um local onde a busca por paz é constante, na qual se busca a construção de uma favela mais ativa, com voz e essa voz é a sua arma. Há uma mensagem que precisa ser passada para a sociedade, que expresse além da violência, que estimule os fazedores das favelas, que compartilhe o quanto o favelado pode se orgulhar de como vive na comunidade e da criatividade que precisa ter para sobreviver a mais um dia.

As discussões, opiniões e questionamentos apresentados nos três capítulos desse trabalho serviram para exprimir pensamentos, ideias e hipóteses que consideramos relevantes e pertinentes sobre a forma como o jovem de favela pode produzir uma cultura local e transformar a sua comunidade através dela. Busca também evidenciar a influência que o jovem tem através das mídias sociais nesta era tecnológica, onde o acesso às redes sociais é constante, compartilhando a informação além dos becos e vielas da favela. Esse trabalho se torna uma tentativa de busca de conhecimento a partir de uma nova experiência, em busca de uma resposta que não é absoluta, mas pessoal e transformadora. Para além de uma conclusão, buscamos desvendar alguns processos de identificação social e cultural do jovem de favela.

## REFERÊNCIAS

### 1. Livros, artigos e dissertações

ARAÚJO, T. T. *Fotoclube auto representação e disputa do simbólico nas favelas cariocas*. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades. 2013.

BATISTA, Vera Malaguti. *O Alemão é muito mais complexo*. In: Vera Malaguti Batista (Org.). Paz Armada. 1ed. Rio de Janeiro: Revan, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade. Tradução de Carlos Alberto Medeiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

\_\_\_\_\_. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BURGOS, Marcelo Baumann. *Dos Parques Proletários ao Favela-Bairro: as políticas públicas nas favelas do Rio de Janeiro*. In: Zaluar, Alba; Alvito, Marcos (Orgs.). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

CARRANO, Paulo. *Jovens, Escolas e Cidades: Desafios à autonomia e à convivência*. Revista Teias v. 12 n. 26, 2011.

CAMPBELL, Colin. *Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno*. In Barbosa, Livia & Campbell, Colin (org). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CANCLINI, N. *Consumidores e cidadãos. Conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

COSTA, Eliane e AGUSTINI, Gabriela. *De baixo para cima/organização*. - 1. ed. -Rio de Janeiro: Aeroplano, 2014.

ENNE, Ana Lucia. *“E daí?”, “pronto, falei!”, “confesso”*: artimanhas discursivas de qualificação e desqualificação do gosto e da distinção. Comunicon, São Paulo, 2011.

\_\_\_\_\_. *O uso dos termos “favelização”, “orkutização” e outros similares nas disputas por consumo e identidades na cultura da Internet*. Comunicon, São Paulo, 2012.

\_\_\_\_\_. *“À perplexidade, a complexidade: relação entre consumo e identidade nas sociedades contemporâneas”*. Comunicação, mídia e consumo. São Paulo, vol.3 n.7, p. 11-29, jul. 2006.

FACINA, Adriana ; PASSOS, Pâmella . *Consumo, inclusão e segregação: reflexões sobre lan houses e um comentário sobre rolezinhos*. PragMATIZES Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura , v. 4, p. 22, 2014.

FACINA, Adriana. *Consumo Favela*. In: DANTAS, Aline; MELLO, Marisa S.; PASSOS, Pâmella. (Org.). *Política cultural com as periferias: práticas e indagações de uma problemática contemporânea*. 1ªed. Rio de Janeiro: IFRJ, 2013, v., p. 21-43.

\_\_\_\_\_. *Vamos Desenrolar: Reflexões a partir de um projeto de extensão universitária no Complexo do Alemão*. In: RODRIGUES, Rute Imanishi (Org.). *Vida social e política nas favelas: pesquisas de campo no Complexo do Alemão*. Rio de Janeiro: Ipea, 2016, v., p. 215-226.

FAUSTINI, Marcus Vinícius. *Guia afetivo da periferia / Vinícius Faustini*.- Rio de Janeiro : Aeroplano, 2009.il.-(Tramas urbanas ; 11).

GOUVEA, Maria Cristina Soares. *A Criança de Favela em seu mundo de Cultura*. Cad. Pesq. n.86, ago. 1993.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade / Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro*- 11. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: Um conceito Antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

MACEDO, Nélia Mara Rezende. *Infância, música e mídia: a produção cultural em debate*.

MAIA, Junot de Oliveira. *O Twitter de Renê Silva e a ocupação da tecnologia: o morro (do Alemão) tem vez*. Trab. Ling. Aplic., Campinas, n(51.1): 261-275, jan./jun. 2012.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: A formação e o sentido de Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é Cultura?*. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos; 18).

SILVA, Tomaz Tadeu. *A produção social da identidade e da diferença*. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

## **2. Sites**

Abril, Info. Disponível em: <<http://info.abril.com.br/noticias/rede/eu-virtual/2014/02/08/rolezinhos-e-cultura-do-consumo/>> Acesso em 03 de setembro de 2015.

Culturais, Solos. Disponível em: <<http://www.solosculturais.org.br/cultura-da-favela-e-cidade/>> Acesso em 12 de Agosto de 2015.

O Globo, Cultura. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/complexo-15808457>> Acesso em 10 de abril de 2015.

O Globo, Cultura. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/panorama-visto-da-ponte-16859484?topico=marcus-faustini>> Acesso em 22 de Julho de 2015.

Disponível em: <<http://jpress.jornalismojunior.com.br/2014/06/funk-ostentacao-melodia-consumo/>> Acesso em 03 de setembro de 2015.

Fazedores. Disponível em: <<https://fazedores.catracalivre.com.br/cultura-maker/ola-fazedores-e-makers-do-brasil/>> Acesso em 02 de Abril de 2016.

## **3. Entrevistas**

Sabrina Martina. Entrevista feita em 28 de junho de 2016

Isys Maciel. Entrevista feita em 05 de julho de 2016.

## Anexo

Texto desenvolvido pelos residentes de forma coletiva e apresentado no evento de encerramento da residência Favelado 2.0.

Favelado 2.0 é o cara ou a mina da favela que está sempre conectado. Ele já nasceu na época do wifi livre e adora fazer uma boquinha. O seu celular é extensão do seu corpo e ele carrega pra lá e pra cá. Nada passa despercebido pelas lentes do seu android. O favelado 2.0 faz da lan house seu lugar de pesquisa e sociabilidade, gosta de mostrar seu talento com música, dança e moda fazendo vídeos pro youtube. Tem sua linguagem própria no facebook “noiz por noiz” e gosta de usar a timeline como diário de sua visão de mundo. Faz evento no facebook só para encontrar com os amigos. Adora fazer meme de si e da galera. Tem os muros da favela como lugar de expressão e o click como viralização. Ele tem o seu celular como dispositivo afetivo e a viela como principal inspiração.

Eu sou favelado 2.0 quando entro num shopping da zona sul e os seguranças brotam no corredor, passo tudo no cartão e exibo as sacolas na cara deles. Quando ando apressado numa calçada e vejo as senhorinhas brancas puxando suas bolsas e depois elas vão assistir a minha peça e ficam em choque. Quando quero ir à praia e penso na função combi, busão, metro linha 2, next stop estacio station, linha 1 até Ipanema. Quando volto do trabalho e tem troca de tiro no meio do caminho, faço logo amizade e fico na casa das tias, que são infinitas e sempre aparecem quando a gente precisa. Quando sou o único negro na turma da faculdade, na exposição, no teatro, no restaurante, na festa, no barzinho. Quando eu quero chegar em casa na madrugada e não tem busão, acabou o metrô e não tenho grana pro táxi, colo logo nos amigos playba e fico pela casa deles. Quando subo a ladeira e os p2 acham que é suspeito um monte de preto subindo, mas nós não abaixa a cabeça não. Quando volto pra casa de ônibus com os moleques zoando pra caramba e a playboyzada olhando com mó raiva, aí é que a gente canta mais alto e faz até competição de passinho no fundão.

Eu me vejo como um favelado 2.0 quando pego o teleférico e vejo a galera na laje pegando sol, as mina fazendo marquinha com esparadrapo. Quando subo de mototaxi e os parceiros me param no meio do caminho pra tomar uma gelada. Quando espero a combi encher pra subir e a tia gorda senta do meu lado me esmagando. Quando entro por trás no busão e pago passagem levando o meu som pra geral. Quando a menozada joga bola no meio da rua impedindo o tráfego e do nada aparece um cavalo, uma carroça, galinha, moto, caminhão de material, caminhão da comlurb e eu acho que estou no meio da Índia. Quando chego duro no baile e meu copo tá sempre cheio. Quando a vó Maria passa mal e geral ajuda. Quando acaba o gás e eu grito a vizinha. Quando o menozin foge da escola e leva um cascudo. Quando subo o morro a pé e vejo os meninos, depois de alguns metros passam os p2, eu meto o pé e respiro aliviado por não ter encontrado os dois ao mesmo tempo. É casa aumentando, rua diminuindo. Exposição de fios, inovações arquitetônicas. Seu José pedreiro criando as gambiarras pra facilitar a nossa vida. É gatonet, águanet, cai a net, segura a net. Os menozin de smartphone hackeando a senha do wifi pra compartilhar vídeo no zapzap.

Sou favelado 2.0 quando entro num bar no jardim botânico e o gerente me recebe na porta me chamando pelo nome. Quando a mesma senhorinha branca que puxou a bolsa rapidamente quando passei por ela no Leblon me vê sentado na mesa ao lado tomando vinho branco e rodeado de intelectuais da arte. Quando as pessoas não entendem da onde eu saí e pra onde eu vou. Quando eu mostro que não preciso de um certificado para ser inteligente e criativo. É

muita gente produzindo, criando e fazendo, tantos makers da favela que acabam inspirando grandes letras de funk.

Favelado 2.0 é o cara ou a mina da favela que é rataria quando o assunto são os aplicativos da moda e que não dispensa aquela selfie com os amigos, seja no futebol, no baile, na social na laje ou no almoço em família. Ele aprendeu que seu celular pode ser utilizado tanto pra zoação, como para registrar os esculachos, os delicados momentos de conflitos onde os direitos humanos são violados. Ele também é chamado pra ajudar aquela vizinha que comprou um aparelho celular e não sabe manusear. O favelado 2.0 é cria, tá na pista pra negócio, registrando tudo, nada passa batido, tá ligado nas novidades, se reinventando e fortalecendo a favela.

Texto coletivo: Julio Mendes, Priscila Martino, Rodrigo Vicente, Higor Gomes, Luiz Filipe, Samuel Sorriso, Jonas Bezerra, William Oliveira, Isys Maciel, Sabrina Martina, Alessandra Cardoso, Iris Keres, Kelson Succi, Larissa Neves, Carol Cristiman, May Ximenes, Robson da Silva, Thaty Guanabara, Thayna de Freitas, Karina Donaria, Thamyra Thâmara, Marcelo Magano e João Lima.